



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LUANA NARA GIRÃO DE OLIVEIRA

**FIOS DE VIDA E SEUS LAÇOS: COMPREENDENDO A RELAÇÃO ENTRE A
EXPRESSÃO DA AFETIVIDADE E A PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO
POPULAR DE MULHERES**

FORTALEZA – CEARÁ
2010

FIOS DE VIDA E SEUS LAÇOS: COMPREENDENDO A RELAÇÃO ENTRE A
EXPRESSÃO DA AFETIVIDADE E A PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO
POPULAR DE MULHERES.

LUANA NARA GIRÃO DE OLIVEIRA

Orientadora: Prof^a Dr^a VERÔNICA MORAIS XIMENES

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia
como requisito para aprovação na disciplina
de Monografia em Psicologia.

FORTALEZA-CE
2010

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Psicologia, como parte dos requisitos necessários à aprovação na disciplina Monografia e Psicologia e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica

Defesa e aprovação em: ____/____/____

_____	Média
Luana Nara Girão de Oliveira	_____
_____	Nota
Prof ^a Dr ^a Verônica Morais Ximenes (UFC) Prof ^a . Orientadora	_____
_____	Nota
Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis (UFC) Membro da banca examinadora	_____
_____	Nota
MS. Ana Maria Melo de Pinho Psicóloga e Mestre em Psicologia-UFC	_____

Ao Núcleo de Psicologia Comunitária
da Universidade Federal do Ceará- NUCOM;

Às mulheres que me tanto me ensinaram
sobre vida e superação, no grupo Paz e Amor.

*“Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida.”*

(Milton Nascimento - Maria, Maria)

AGRADECIMENTOS

À Deus Pai/Mãe, força criadora, que nos concede o dom da Vida, que nos permite essa encantadora aventura.

Aos meus pais, Neomesia e Angelino, que tão gentilmente se tornaram canais da expressão do amor divino, cuidando de minha vida desde seus primeiros dias. Por todo amor, toda dedicação, ensinamentos sobre justiça, firmeza e correção.

Aos meus irmãos, Átila, Alexandre, Luan, Wallison, com quem compartilho a caminhada nessa vida, que tanto me ensinam sobre amizade, cuidado, carinho, ternura e fazem qualquer coisa para me ver sorrir. É muito bom viver com vocês!

À minha enorme, diversa e linda família, que tanto me ensina sobre convivência, diálogo e amor incondicional. Minha base, meu ninho. Amo cada um: Vó Zuila, tios, tias, primos, primas e os que chegam e ficam conosco.

Aos meus amigos e amigas, tantos e tão diferentes, fontes de encanto e alegria, que dividem comigo o desafio e o prazer de viver. Vocês são parte de mim.

Ao Núcleo de Psicologia Comunitária, que me recebeu e me ajudou a construir meu percurso acadêmico, preservando minha capacidade de acreditar em sonhos e me ensinando a realizá-los, resistindo às dificuldades e co-criando a realidade em que acreditamos.

Aos sempre nuconianos, que ainda convivem cotidianamente ou já caminham pelo mundo, plantando flores em impossíveis chãos. Eles compartilharam comigo tantos dias incríveis de descobertas, alegrias e angústias na construção do nosso sonho. Este trabalho é nosso.

À Verônica, professora comprometida com a construção de um saber psicológico transformador, mas, antes de tudo, amiga, mulher e mãe, que acolhe, cuida e nos acompanha no nosso desabrochar, acreditando e nos impulsionando a ser mais.

Ao Cezar, professor e mestre, por ter plantando sementes de sonhos e de vida, algumas que hoje ajudamos a colher, plantamos novamente, recriamos, dando continuidade a sua caminhada. Obrigada por abrir caminhos e nos encorajar à criação!

Ao Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, que constrói dia-a-dia uma nova realidade no Bom Jardim.

RESUMO

Este trabalho nasce a partir do contato da autora com histórias de vida de mulheres marcadas por situações de exploração, agressão, violência e repressão. Tal fato a levou a buscar compreender como a afetividade foi e é vivenciada por essas mulheres nesse contexto. O encontro entre elas se deu no grupo Paz e Amor, um grupo popular de mulheres em que a autora desenvolveu uma atuação como extensionista, vinculada ao Núcleo de Psicologia Comunitária, e em parceria com o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim. O objetivo principal foi compreender a relação entre a expressão da afetividade e a participação nesse grupo popular de mulheres, especificamente buscando analisar como uma mulher participante do grupo, Dona Ana, vivenciou a afetividade ao longo da vida, descrevendo seu processo de participação no grupo Paz e Amor e, por fim, buscando compreender qual a relação entre os impactos da participação no grupo nas formas como ela expressa sua afetividade. Os referenciais teóricos utilizados para abordar os temas da afetividade, participação e grupos populares foram: A. Damásio, Rolando Toro, Cezar Wagner L. Góis, a Teoria Histórico-Cultural da mente, de Vygotsky, Leontiev e Luria; Bordenave, Demo, Pinho. A pesquisa foi realizada sob uma perspectiva qualitativa, coletando dados através de uma história de vida que foi relatada em uma entrevista narrativa. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo temática. Os cinco temas definidos foram: Repressão da afetividade, Expressão de afetos negativos, Expressão do sentimento de afetividade, Processo participativo, Impactos da participação. A repressão da afetividade foi uma constante na história de Dona Ana, no entanto, percebeu-se que em diversas situações o sentimento de afetividade tem sua expressão garantida. Sentimentos negativos também surgiram e foram expressos ao longo de sua história. A participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor facilitou a expressão de sua afetividade, pois a permitiu a criação de laços de amizade com outras mulheres e a ajudou a restabelecer vínculos afetivos com sua família. O grupo Paz e Amor se mostrou como um espaço que trouxe mudanças significativas em uma história de vida, e que tem o potencial de possibilitar o surgimento de relações mais éticas e amorosa no Bom Jardim. O grupo tem também o potencial de propiciar um espaço de participação comprometido com a transformação social de sua comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade, Sentimento, Grupo, Participação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. DESCOBRINDO E TRILHANDO O PERCURSO METODOLÓGICO.....	13
2.1. Pesquisa Qualitativa	13
2.2. O contexto.	14
2.2.1. O grande Bom Jardim.....	14
2.2.2. O grupo Paz e Amor	15
2.3. A participante: Dona Ana	17
2.4. Técnicas de produção de dados	18
2.4.1. História de Vida.....	19
2.4.2. Entrevista Narrativa.....	19
2.5. Procedimentos	21
2.5.1. Compromisso ético e social da pesquisa	21
2.5.2 . Produção de dados	21
2.5.3. Análise dos dados	22
3. A AFETIVIDADE E SUA EXPRESSÃO: AS VIVÊNCIAS DE DONA ANA.....	25
3.1. Emoções e Sentimentos	25
3.2. O sentimento de afetividade	30
3.3. A expressão de afetividade nas vivências de Dona Ana	33
4. DONA ANA CHEGA AO GRUPO PAZ E AMOR.....	51
4.1. Participação: como acontece? E o que ela pode transformar?.....	51
4.2 O grupo popular como locus de participação	56
4.3 A experiência de participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor	59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
6. REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	73
APÊNDICES	75

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um fruto. Como todo fruto, ele vem de um solo fértil que possibilitou seu surgimento. O solo que nutriu e deu origem a esse trabalho é o Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM). O NUCOM é um núcleo de extensão/cooperação vinculado a Universidade Federal que há 28 anos vem contribuindo para a construção da Psicologia Comunitária, juntamente com moradores de comunidades do interior e da capital do Ceará. Suas atividades estão voltadas para a extensão/cooperação, a pesquisa e o ensino. Minha história acadêmica é perpassada desde o início pelos conceitos, reflexões, práticas, vivências proporcionadas pelo NUCOM.

Minha inserção como extensionista me atentou para a necessidade de sistematização de minha experiência. Parto, então, da compreensão da extensão universitária como cooperação, que tenta superar a idéia de extensão do conhecimento acadêmico à comunidade e considera a necessidade de co-construir novos saberes ao lado do saber popular, partindo também do conhecimento que lhe é próprio (XIMENES; NEPOMUCENO; MOREIRA, 2007).

Assim, essa pesquisa, desde suas primeiras indagações, buscou a superação da dificuldade de sistematização das experiências de extensão/cooperação, assim como teve o intuito de contribuir para a construção da Psicologia Comunitária, entendendo que essa é uma forma de realizar uma produção acadêmica que contribui para a renovação do *quefazer* psicológico (MARTIN-BARÓ, 1985), tornando-o cada vez mais coerente com a realidade brasileira e nordestina.

As primeiras raízes desse trabalho se encontram no Grande Bom Jardim, onde o NUCOM, a partir de 2007, iniciou um projeto intitulado “Saúde Comunitária: caminho possível de desenvolvimento comunitário para o Grande Bom Jardim” em parceria como o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ).

O MSMCBJ foi fundado em 1996, a partir do trabalho de missionários cambonianos no Grande Bom Jardim. Suas atividades iniciais estavam voltadas para criação de espaços de escuta e de acompanhamento terapêutico para as famílias que viviam em situação de risco, extrema pobreza e eram marcadas pela marginalização social. Os problemas que mais as afetavam eram a falta de recursos básicos, baixo desenvolvimento escolar, desemprego, falta de perspectivas e baixa estima. A partir desse contexto, O MSMCBJ definiu como objetivo favorecer o desenvolvimento, o

aumento da consciência de si, o reconhecimento das potencialidades e da dignidade dos moradores do Bom Jardim, tornando-os capazes de enfrentar as problemáticas advindas da situação de exclusão em que viviam.

O histórico, assim como o objetivo do MSMCBJ, convergiram com a proposta do NUCOM de realizar um trabalho co-construído com os moradores da comunidade, visando ao desenvolvimento pessoal e coletivo. Dessa forma, foi estabelecida a parceria entre essas duas instituições, que então passaram a atuar em frentes de trabalho em diversos espaços do Bom Jardim.

Minha experiência de atuação se deu, então, com um grupo popular de mulheres, o grupo Paz e Amor, onde encontrei atrizes e autoras da história do Bom Jardim. Mulheres batalhadoras, personagens também de histórias de vida marcadas por situações de exploração, violência e negação de seus potenciais de vida, como tantas outras já conhecidas no nosso Nordeste.

O grupo Paz e Amor, espaço de participação e encontro, se propõe a colaborar com a transformação do Bom Jardim, a partir de ações pautadas nos referenciais teóricos da Psicologia Comunitária (GÓIS, 1993) e da Saúde Comunitária (GÓIS, 2008).

Percebemos, ao longo do trabalho com o grupo, que as mulheres tinham dificuldades em expressar o que sentiam, tanto verbal como corporalmente. Esse fato então me levou a pensar sobre o processo histórico de repressão afetiva que sofreram e que continua em curso, trazendo tantas conseqüências pessoais e sociais. No entanto, percebemos também que algumas delas passaram a permitir mais proximidade e contato e a se expressar mais. Esse fato me levou a seguinte questão: como a participação no Grupo Paz e Amor impacta na expressão da afetividade dessas mulheres?

A partir dessa indagação, busquei compreender melhor o que seria essa afetividade, como ela vem sendo abordada por outros autores e qual a importância dessa discussão para o desenvolvimento de uma práxis psicológica comprometida com a transformação positiva da realidade. Além disso, há também de se considerar a importância desse tema que foi e, ainda é, discriminado pela ciência.

A afetividade tem sido mostrada como um fenômeno incontrolável e, portanto, fator de desordem e empecilho para a expressão da racionalidade (SAWAIA, 2001). Buscando então a superação desse olhar negativo sobre a expressão dos sentimentos e

emoções no âmbito acadêmico, os considero nessa pesquisa como elementos fundamentais na assunção de um compromisso ético-político.

Ao centralizar a afetividade na discussão da dialética exclusão/inclusão, Sawaia (2001) enfatiza a necessidade de introduzir o corpo na discussão na Psicologia Social. Emoções e sentimentos, diferentemente de como são apontados pelo racionalismo, como algo confuso e abstrato, ganham nova face, como fenômenos concretos, localizados na corporeidade humana. Corpo e mente não estão separados, portanto, a superação de condições sociais desfavoráveis ao desenvolvimento humano precisa ter como lócus o próprio corpo e todos os aspectos envolvidos com sua libertação - da conscientização à livre expressão de sua afetividade.

Individual e coletivo também não estão separados. Nesse sentido, a participação social nos grupos populares se mostra como um dos caminhos que podem ser trilhados, buscando mudar as condições de vida de uma comunidade a partir da tecitura de novas relações e de discussões que aprofundam o conhecimento dos moradores sobre seu próprio modo de vida.

Então, a partir da compreensão do processo participativo em um grupo popular de mulheres, busco aqui compreender como a afetividade pode deixar nosso misterioso mundo interior e ganhar a potência e a leveza de sua expressão.

Percebendo a amplitude do tema, optei então por estudar uma história de vida, aprofundando a compreensão de como uma senhora participante do grupo Paz e Amor vivencia sua afetividade ao longo de sua história de vida, atentando para os pormenores da expressão e da repressão dessa afetividade.

A partir dessas definições, tive como objetivo geral compreender a relação entre a expressão da afetividade e a participação em um grupo popular. Para atingir esse objetivo, foram traçados objetivos específicos: 1) Analisar como se deu a vivência da afetividade ao longo da história de vida de uma mulher, 2) Descrever o processo de participação de uma das mulheres no grupo popular Paz e Amor e 3) Relacionar os impactos da participação no grupo e as vivências de afetividade de uma mulher.

Com esses objetivos cumpridos a contento, consideramos que traremos novas considerações acerca do tema da afetividade e da participação em grupos populares. Ambas as temáticas são de fundamental importância para a Psicologia Comunitária e para outras áreas de estudo e atuação que vislumbrem intervenções comunitárias baseadas em um compromisso ético-político de libertação dos povos oprimidos. Além disso, buscaremos aqui recuperar um histórico de desenvolvimento individual, mas que

se insere em um contexto histórico-cultural, o que nos permite superar a dicotomia individual-coletivo ao empreender um estudo qualitativo.

Os capítulos estão organizados de modo explicitar, primeiramente, o percurso metodológico que foi percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa, esclarecendo aspectos referentes à nossa escolha pela pesquisa qualitativa, apresentando as técnicas de produção e análise de dados e detalhando os procedimentos realizados nesses processos.

Por conseguinte, abordaremos o tema da afetividade e sua expressão, relacionando desde já com as vivências de Dona Ana. Inicialmente, abordando questões teóricas sobre as emoções e os sentimentos, buscando compreender de que forma esses fenômenos ocorrem nos seres humanos e como se relacionam com o contexto sócio-histórico em que estes se inserem. A partir dessas considerações, apresentamos o sentimento de afetividade. Este sentimento se enraíza na corporeidade humana e se mostra como algo além da capacidade de afetar-se. Ele aparece como uma capacidade de amar o outro, expressar sentimentos positivos, vincular-se e relacionar-se de forma empática e ética. Por conseguinte, baseada na história de vida de Dona Ana, buscamos compreender como o sentimento de afetividade foi vivenciado por ela, atentando para os detalhes dos processos de repressão e expressão desta.

Buscando descrever o processo de participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor, articulamos no capítulo seguinte dados teóricos sobre participação social e grupos populares, focando os fatos centrais narrados por Dona Ana referentes à sua participação no citado grupo. Todas as informações oriundas da entrevista realizada com dona Ana estão condensadas ao longo dos capítulos. Ao final, apresentamos as considerações finais deste trabalho, informando algumas conclusões e sugerindo novas perspectivas e abordagens para os temas aqui estudados.

2. DESCOBRINDO E TRILHANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo apresentará o percurso metodológico percorrido para o desenvolvimento dessa pesquisa. Primeiramente, falaremos da pesquisa qualitativa enquanto metodologia que nos serviu de base devido algumas características que se afinam com os objetivos deste trabalho. Explicaremos, por conseguinte, o contexto em que foi realizada a pesquisa e quem é a participante que nos concedeu informações sobre sua história de vida. A partir da contextualização, apresentaremos as técnicas para produção e análise de dados. Por fim, detalharemos como foi feita a análise de conteúdo da entrevista e como pretendemos fazer a devolutiva dos nossos resultados para a participante da pesquisa e para o grupo Paz e Amor.

2.1. Pesquisa Qualitativa

A realização dessa pesquisa se deu através da metodologia qualitativa, que tem como objetivo desenvolver teorias empiricamente fundamentadas, partindo de estratégias indutivas (FLICK, 2009). Nessa metodologia, as teorias são elaboradas a partir do contato do pesquisador com a realidade social, fazendo com este não necessite enquadrar fenômenos complexos nos pequenos espaços pré-estabelecidos das teorias.

“A pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2009, p.37). Essa afirmação corrobora com a idéia que temos de construir um conhecimento pautado na nossa realidade local cearense e que objetiva contribuir com o aporte do conhecimento científico para a transformação positiva dessa realidade. À medida que conhecemos mais profundamente nosso entorno e as relações que o compõem, podemos propor intervenções realmente transformadoras.

A pesquisa qualitativa nos dá suporte para elaborarmos conhecimento científico a partir de uma postura de curiosidade, abertura e flexibilidade. Sob perspectiva qualitativa, a reflexão sobre o tema da pesquisa é fundamental durante todo o processo de elaboração do problema, da constituição da fundamentação teórica, da escolha dos métodos, das discussões dos resultados. O tema escolhido é que define o caminho metodológico a ser percorrido.

Richardson (1985) afirma ainda que a complexidade de um problema pode ser descrita através de uma metodologia qualitativa, na qual podemos analisar a interação de variáveis, compreendendo e classificando processos dinâmicos dos grupos sociais.

Algumas situações, portanto, evidenciam a necessidade de um estudo qualitativo, como a busca por compreender fenômenos psicológicos complexos que provavelmente não seriam captados de forma completa por outros métodos.

É nesse sentido que a metodologia qualitativa se mostra como a melhor opção para a presente pesquisa, pois o que desejamos aqui é compreender um complexo processo de expressão da afetividade vivenciado por uma mulher ao longo de sua vida, e os impactos que sua participação em um grupo popular causou nesse processo. Para atendermos a contento esses objetivos, consideramos que não podemos isolar variáveis ou fragmentar esse processo, mas sim interpretar os sentidos do próprio sujeito em estudo.

2.2 O Contexto

2.2.1 O Grande Bom Jardim

A escolha desse local se deu pela prévia inserção da autora no projeto de extensão “Saúde Comunitária: caminho possível de desenvolvimento comunitário do Grande Bom jardim”, vinculado ao Núcleo de Psicologia Comunitária da UFC. Esse projeto acontece em parceria com o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ). Esse parceiro atuou desde o início do projeto com o NUCOM, facilitando nossa inserção no Grande Bom Jardim, e oferecendo a possibilidade de atuação diversificada e ampla, com profissionais e voluntários do MSMCBJ e estudantes extensionistas da UFC.

O MSMCBJ atua do Bom Jardim desde 1996 e tem como missão “acolher o ser humano, respeitando suas dimensões bio-psico-sócio-espiritual, promovendo o desenvolvimento dos seus potenciais, através do resgate dos valores humanos e culturais, no sentido de favorecer a qualidade das relações pessoais, interpessoais e comunitária para a promoção do dom da vida” (MSMCBJ, 2010). Atualmente, desenvolve vários projetos, contando com apoio de outros parceiros. As atividades realizadas são: Telecentro Comunitário do Bom Jardim. Terapia Comunitária, grupos de Auto-Estima, Biodança, Massoterapia, Projeto Sim à Vida, Casa de Aprendizagem Ezequiel Ramim, Ponto de Cultura Casa AME Dom Franco Masserdotti, Horta Comunitária, Centro de aprendizagem

O grande Bom Jardim se configura como um complexo populacional de 18.700ha. , composto por cinco bairros: Granja Lisboa, Granja Portugal, Canindezinho,

Siqueira e Bom Jardim. O bairro do Bom Jardim, onde mais precisamente desenvolvemos nossas ações do projeto de extensão, é formado pelas comunidades do Santo Amaro e São Vicente. A partir da divisão administrativa do município de Fortaleza em seis regionais, o Grande Bom Jardim foi lotado na Regional V. Sua população é de aproximadamente 175.144¹ habitantes e as classes predominantes são classes baixa e média baixa.

A história do bairro se inicia a partir da venda de terra por latifundiários a preços acessíveis a famílias do interior, que buscavam alternativas de vida para fugirem da seca ou, ainda, por questões políticas. Essa migração ocasionou um acréscimo rápido do número de moradores, que passaram a habitar um bairro sem infra-estrutura, como escolas, postos de saúde, saneamento básico, água encanada e luz elétrica. Atualmente, as principais atividades geradoras de renda local se referem a pequenos comércios localizados ao longo das principais avenidas que ligam os bairros (MOREIRA et al, 2007).

Os principais problemas que hoje perpassam a vida dos moradores do Grande Bom Jardim são a falta de segurança, o desemprego, os equipamentos públicos de saúde insuficientes e precários, a falta de saneamento básico que contribui para a degradação do Rio Maranguapinho (antes fonte de lazer e renda para os moradores da região). Além disso, há uma má representação social do local em função da construção social midiática, que o estigmatiza como lugar violento e habitado por criminosos (ALVES, 2007).

Como potencialidades do Grande Bom jardim, apontamos a existência de inúmeras instituições governamentais e não-governamentais que visam ao seu desenvolvimento. Entre eles podemos citar o próprio MSMCBJ, o Centro Cultural Bom Jardim, o CRAS, o CAPS, o Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS), além de diversos programas e projetos, equipamentos sociais e associações comunitárias.

2.2.2 O grupo Paz e Amor

A parceria entre NUCOM e MSMCBJ foi firmada em agosto de 2007. Em maio de 2008 houve uma reunião de planejamento a fim de apresentar os participantes das instituições e traçar estratégias comuns. O MSMCBJ é co-responsável pela gestão do

¹ IBGE Censo 2000.

Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Bom Jardim, fato que fez com que o CAPS fosse incluído nessa parceria como lócus de atuação e que implicou na participação de seus profissionais nas frentes de trabalho da parceria. O objetivo geral acordado entre os parceiros foi definido como “Fortalecer com amorosidade a valorização e a participação dos moradores na promoção da saúde mental comunitária, contribuindo com a transformação social no Bom Jardim”.

A partir desse objetivo, definiram-se os primeiros passos das ações que se seguiriam. Essas ações foram divididas entre três frentes de trabalho, que atuavam em diferentes espaços do Bom Jardim, visando à ampliação dos impactos positivos das intervenções. Então, três frentes que contavam com a participação de integrantes do NUCOM, profissionais do CAPS e participantes do MSMCBJ foram criadas com objetivos específicos: Frente *Teia*, visando a potencialização da participação comunitária dos grupos existentes no CAPS, partindo antes da problematização sobre participação e desenvolvimento comunitário com os facilitadores dos grupos do CAPS e MSMCBJ; Frente *Pontes*, objetivando promover espaços de diálogo e problematização em saúde comunitária, a partir do desenvolvimento de estratégias de mobilização por quarteirão e pela criação do Conselho Comunitário do CAPS; e Frente *Tutu*, que cuidaria da captação dos recursos financeiros necessários para a sustentabilidade de nossa intervenção.

A partir de agosto de 2008, o Grupo Paz e Amor surgiu como parte da efetivação das ações da frente *Pontes*, que era composta por três alunas extensionistas do NUCOM e uma integrante do MSMCBJ. Esse era um grupo de mulheres que já se reunia desde 1992, era facilitado por integrantes do MSMCBJ e conhecido como Grupo de Auto-Estima. A partir da inserção do NUCOM na dinâmica comunitária do Bom Jardim, o espaço que esse grupo ocupava anteriormente logo foi reconhecido como potencial para nossas ações, pois era valorizado e cuidado pelas próprias moradoras. O grupo estava desativado há algum tempo e foi necessário que houvesse uma nova mobilização para que as mulheres voltassem a frequentá-lo.

Foram feitas visitas domiciliares a fim de propiciar uma aproximação das integrantes do NUCOM, que naquele momento eram três alunas, com as moradoras da comunidade que anteriormente já faziam parte desse grupo. A retomada do grupo foi divulgada também nas missas da Igreja do Santo Amaro. Assim, as atividades voltaram a acontecer.

Atualmente, o grupo tem oito mulheres participantes, com faixa etária entre 45 a 67 anos, moradoras da comunidade do Santo Amaro. A maioria delas é aposentada, e outras dependem financeiramente da renda do marido. Todas elas têm suas origens no interior do Ceará, com exceção de uma participante, e moram no Bom Jardim há muitos anos.

O grupo acontece com frequência semanal, às sextas-feiras. O local para a realização dos encontros foi inicialmente uma sala nas dependências da igreja do Santo Amaro, e depois o Conselho Comunitário do Santo Amaro. Os encontros são facilitados por três alunas extensionistas integrantes do NUCOM, das quais uma é a proponente dessa pesquisa.

As reuniões tem duração média de duas horas e trinta minutos, durante as quais as participantes tem espaço para falar de suas histórias, partilhar seus problemas pessoais e também discutir temas pertinentes à vida comunitária. São propostas atividades artísticas, como desenhos, pinturas, colagens, danças, rodas de conversa e exercícios de Biodança, com o intuito de ampliar as discussões sobre as problemáticas e as potencialidades da comunidade em que moram, bem como proporcionar espaço de acolhimento, expressão e apoio entre as participantes.

A escolha do grupo Paz e Amor como campo de pesquisa se deu justamente pela inserção prévia da pesquisadora nesse grupo, permitindo um acesso mais fácil às possíveis informantes. Além disso, a vinculação estabelecida anteriormente entre a facilitadora do grupo e a participante contribuiu para estabelecimento de um clima de confiança e intimidade no momento da entrevista.

2.3 A participante: Dona Ana

Nossa participante é Dona Ana, nome fictício dado a uma das moradoras do Santo Amaro e participantes do grupo Paz e Amor. D. Ana está na faixa etária de 55 a 60 anos. Ela é uma senhora de baixa estatura, olhar tímido, sorriso fácil e corpo marcado por muitos anos de trabalho árduo, demonstrando pouca habilidade para o contato e alguns movimentos rígidos.

Ela nasceu no interior do Ceará, onde viveu até os 10 anos de idade. Nesse período, por ocasião da morte de seu pai, passou por muitas mudanças. Foi morar na casa de sua avó com sua mãe, irmãos e tio. Logo sua mãe decidiu casar de novo com um

rapaz que era conhecido na localidade por ter cometido violência sexual contra uma menina de sete anos. Com o casamento, a mãe exigiu que ela saísse de casa.

Ela então veio morar em Fortaleza, na casa de uma prima de sua mãe, que ela passou a chamar de madrinha. Nessa casa, ela passa a viver como empregada doméstica, realizando os serviços da casa e cuidando dos três filhos dessa senhora. Durante muitos anos viveu exclusivamente realizando essas tarefas, sem remuneração e sem continuar seus estudos.

Ao completar 25 anos, decidiu buscar emprego e, então, deixou de depender financeiramente de sua madrinha. Empregada em uma fábrica de castanhas, ela decidiu ir embora da casa da madrinha e, para isso, contou com ajuda da lavadeira que também trabalhava lá. Essa senhora morava no Santo Amaro, e assim, ela chegou ao Bom Jardim. Logo, conheceu seu futuro marido, namoraram durante três meses e casaram-se. Passaram a morar juntos e tiveram 2 filhos. O marido, segundo seus relatos, tinha casos extra-conjugais dos quais também teve outros filhos. Hoje, já faleceu. Ela precisava cuidar de seus filhos e, por isso, deixou o emprego na fábrica, passando a trabalhar como empregada doméstica em casas de famílias do próprio Bom Jardim.

Em uma dessas casas, criou laços de amizade, onde sente seu trabalho valorizado e é considerada membro da família. Atualmente, faz 32 anos que trabalha com essa família. Hoje, diminuiu o ritmo de trabalho, mora com a filha, em sua casa própria, ajuda a cuidar de sua neta, filha de seu filho, frequenta a igreja e participa do grupo Paz e Amor.

Dentro da população das mulheres participantes do grupo Paz e Amor, Dona Ana atendeu aos critérios que estabelecemos para a escolha da informante desta pesquisa: 1. Participar assiduamente do grupo; 2. Ter começado a participar do grupo a partir de 2008; 3. Ser moradora da comunidade do Santo Amaro.

Além disso, durante seu processo de participação sempre pontuou as mudanças que sentia em si mesma, fazendo com que surgisse um interesse de minha parte por entender melhor esse processo de mudança.

2.4 Técnicas de produção de dados

A produção dos dados foi realizada através da história de vida e da entrevista narrativa. Com base nessas duas técnicas, tivemos acesso à história de vida de dona Ana e ao seu histórico de participação no grupo Paz e Amor.

2.4.1 História de Vida

Partindo da pesquisa qualitativa, a técnica utilizada nesse trabalho é a História de Vida. Haguette (1987) apresenta duas possibilidades para a História de Vida como metodologia qualitativa. Ela pode servir como documento ou como técnica de captação de dados. Os resultados obtidos em um estudo de uma história de vida não são necessariamente generalizados, mas pode apontar para outras pesquisas que esclareçam aspectos negativos de uma teoria estudada, por exemplo.

A História de Vida pode ainda servir como base para suposições realistas em busca de uma aproximação com a realidade, além da possibilidade de contribuir na elaboração de novas questões, variáveis e processos em áreas de estudo que estejam, por ventura, estagnadas (HAGUETTE, 1987). A autora apresenta ainda a História de Vida como uma das mais importantes técnicas de pesquisa por ser capaz de captar um processo em movimento, com sua riqueza de detalhes.

A opção pela História de Vida como técnica de coleta de informações se dá pela necessidade de dar visibilidade ao processo da expressão da afetividade durante a vida da participante e durante a participação no grupo. A riqueza de detalhes que essa metodologia oferece será fundamental para apreendermos as nuances das diversas formas de expressar afetividade e se alguma mudança ocorreu a partir da participação no grupo.

Segundo Montero (2006, p. 288) “En esta técnica se busca recuperar el desarrollo de lo cotidiano individual, inserto en lo histórico social e cultural”. Essa afirmação nos permite a superação da dicotomia individual-coletivo, nos tirando de uma postura metodológica que considera a interpretação do sujeito sobre sua realidade como algo que a distorce. Ao contrário, a narração da história de vida considera a existência real da subjetividade que está presente em todas as ações humanas.

2.4.2 Entrevista narrativa

Gaskell (2002) se refere à entrevista como um processo social, interativo, no qual a informação não segue uma linha unidimensional que se dirige do informante ao pesquisador. Ela é uma troca de idéias e significados onde várias percepções da realidade são exploradas e desenvolvidas. Quando é feita apenas com um respondente, temos uma entrevista em profundidade. Com esse instrumento podemos ter acesso ao

mundo subjetivo do entrevistado, contribuindo para uma descrição detalhada de um processo que busca ser compreendido.

A entrevista narrativa é uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade e tem características específicas. Considera-se que a perspectiva do entrevistado é melhor apresentada quando este utiliza sua própria linguagem, de forma espontânea durante a narração dos acontecimentos (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002). A entrevista narrativa é particularmente útil em

Projetos que combinem histórias de vida e contextos sócio-históricos. Histórias pessoais expressam contextos sociais e históricos mais amplos, e as narrativas produzidas pelos indivíduos são também constitutivas de fenômenos sócio-históricos específicos, nos quais as biografias de enraízam. (SCHUTZE, 1992 apud BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002, p. 104).

Algumas regras guiam o processo narrativo, que o fazem semi-autônomo ao ser ativado por uma situação eliciadora. Essas regras são, segundo Bauer e Jovchelovitch (2002), a Textura Detalhada, que se refere à necessidade de dar informação com vários detalhes pra que a transição entre cada fato seja bem demarcada; a Fixação da relevância, em que o contador da história se detém em aspectos de cada acontecimento segundo a relevância que tem para ele; e o Fechamento de Gestalt, em que cada fato narrado possui começo, meio e fim.

Bauer e Jovchelovitch (2002) fazem ainda a diferenciação entre questões exmanente e imanentes. Os autores entendem por questões exmanentes aquelas que se referem aos interesses do pesquisador. As questões imanentes são aquelas referentes aos temas, tópicos e relatos trazidos pelo informante. Na análise da entrevista a principal tarefa do pesquisador é traduzir questões exmanentes em questões imanentes, ou seja, tomar como base para suas elaborações teórico-práticas a própria fala do entrevistado, fazendo uso exclusivo de sua linguagem.

Estas características fazem essa técnica adequada aos objetivos dessa pesquisa ao passo que podemos, a partir da narrativa da história de vida de Dona Ana e de sua participação no grupo Paz e Amor, compreender o processo de expressão da afetividade vivenciado em sua história e na sua história de participação no grupo.

Para a realização da entrevista, foi elaborado um roteiro semi-estruturado com perguntas iniciais elucidativas das narrativas e perguntas auxiliares para aprofundar os temas pertinentes a essa pesquisa (Apêndice 1).

2.5 Procedimentos

2.5.1 Compromisso ético e social da pesquisa

O projeto da presente pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética da UFC no mês de abril de 2010, tendo sido aprovado no início do mês de maio de 2010. A partir da aprovação, seguimos para a fase prática da pesquisa, com a coleta de dados através da entrevista (Anexo 1).

A devolutiva se refere a uma apresentação dos resultados obtidos na pesquisa aos sujeitos e/ou instituições que colaboraram com sua construção. Com esse objetivo, marcarei uma conversa individual com a participante, mostrando-lhe o trabalho pronto e explicando os resultados de forma que lhe seja compreensível. Nessa conversa pretendo pedir-lhe autorização para divulgar, de forma geral, os resultados da pesquisa no grupo Paz e Amor. Caso essa autorização seja concedida, utilizarei de um espaço durante uma reunião do grupo para fazer essa apresentação.

Os resultados dessa pesquisa também serão socializados a partir de sua disponibilização na biblioteca do Centro de Humanidades da UFC, de publicações de artigos científicos e apresentações em congressos e encontros.

2.5.2 Produção de dados

A entrevista foi realizada no dia 27 de maio de 2010, na casa da informante. Antes de iniciar a entrevista, foi lido o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 2) a fim de esclarecer questões sobre o sigilo e os objetivos da pesquisa e pedida a autorização para gravar a entrevista.

Com a autorização concedida, iniciou-se a entrevista, que foi registrada com o auxílio de um gravador digital. Dona Ana estava à vontade, em seu ambiente familiar e, além disso, já havia em certo nível de confiança construído entre nós devido nosso contato de mais de um ano, período em que estou no grupo Paz e Amor como uma das facilitadoras. Acomodamos-nos na sala, estando presentes apenas nós duas. O clima de segurança e intimidade propiciou uma maior abertura por parte de Dona Ana, que revelou momentos bastante delicados de sua história, se emocionando diversas vezes.

A entrevista seguiu um roteiro pré-elaborado, que trouxe as perguntas eliciadoras das narrativas, e outras perguntas auxiliares baseadas nas categorias que seriam

analisadas a partir de nossos referenciais teóricos. A entrevista ao todo teve duração média de 70 minutos.

2.5.3 Análise dos dados

A partir das informações coletadas pela entrevista, foi feita uma análise de conteúdo, como propõe Bardin (1977). Segundo a autora, a análise de conteúdo se constitui na verdade como um conjunto de técnicas de análise que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo da mensagem, o que se busca é uma correspondência entre as estruturas semânticas da superfície dos textos e as estruturas psicológicas ou sociológicas por trás do que é comunicado. O papel do analista é, portanto, compreender o sentido da comunicação, tal qual o receptor direto da mensagem, mas também deve desviar sua atenção para outras significações que estejam nas entrelinhas.

O objetivo da análise de conteúdo é manipular mensagens para evidenciar indicadores que permitam uma inferência sobre a realidade além da mensagem em si. Então, foi realizada uma análise temática do texto transcrito das entrevistas. Essa técnica nos permitirá categorizar a fala a partir de *temas*, que funcionam como núcleos de sentido e “cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítica escolhido”. (BARDIN, 1977, p.131)

Com a entrevista transcrita (Apêndice 3), passamos então a trabalhar em sua categorização. A seguir detalharei cada passo desse processo: 1) Inicialmente, foi feita uma leitura flutuante da entrevista, buscando identificar os fatos centrais da narrativa de Dona Ana; 2) Foi realizada a codificação da entrevista, na qual foram enumeradas as linhas, as perguntas e as respostas, a fim de facilitar possíveis consultas ao material. Os códigos utilizados para a identificação das perguntas e das repostas são as letras ‘P’ e ‘R’. Foram feitas também substituições dos nomes pessoais citados por Dona Ana por nomes fictícios, permanecendo original apenas meu nome, que foi usado como vocativo em alguns momentos da entrevista; 3) Em seguida, foram estabelecidas as categorias analíticas com base nos objetivos específicos da monografia; 4) Foi feita a extração das unidades de sentido da entrevista, buscando delimitar trechos que sintetizavam a linha de raciocínio e as idéias de D. Ana acerca de assuntos relacionados às categorias estabelecidas; 5) Por conseguinte, foram identificadas sub-categorias com base nas unidades de sentido, que se relacionavam a cada categoria principal; 6) Finalizando,

foram elaborados dois quadros temáticos (Apêndice 4). Um contemplando as categorias, sub-categorias e unidades de sentido relacionados à expressão da afetividade, outro relacionado ao processo participativo de D. Ana no grupo Paz e Amor.

Explicarei abaixo os cinco temas centrais relacionados aos principais conceitos discutidos nos capítulos teóricos. Esses temas centrais ou categorias são:

- 1) *Repressão da afetividade*: explicita atos, situações ou idéias que impedem a expressão da afetividade, buscando identificar como Dona Ana vivenciou a afetividade e a repressão desta ao longo de sua história de vida.
- 2) *Expressão de afetos negativos*: demonstra situações em que emoções e sentimentos negativos foram expressos, de forma a diferenciá-las de situações de expressão da afetividade.
- 3) *Expressão do sentimento de afetividade*: contempla o sentimento, a demonstração e a comunicação da afetividade, bem como situações em que laços afetivos são criados ou restabelecidos.
- 4) *Processo participativo*: descreve o processo de participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor, a partir dos principais momentos lembrados por ela.
- 5) *Impactos da participação*: modificações pessoais e/ou sociais percebidas por Dona Ana a partir de sua participação no grupo, visando a compreender que relação elas têm com a expressão da afetividade e seu processo participativo.

A partir desses cinco temas analíticos, foram identificados 18 sub-temas. Segue abaixo uma tabela com cada temas e seus respectivos sub-temas:

TEMAS	SUB-TEMAS
1. Repressão da Afetividade	1.1. Desvinculação familiar; 1.2. Situações de exploração; 1.3. Situações de agressão e violência; 1.4. Dissociação afetivo-prática; 1.5. Resistência à repressão;
2. Expressão de afetos negativos	2.1. Expressão do sentimento de vingança; 2.2. Expressão do sentimento da raiva; 2.3. Rejeição em relação a pessoas/lugares do passado.
3. Expressão da afetividade	3.1 Demonstração de emoções e de sentimentos positivos; 3.2 Situações de felicidade e prazer; 3.3 Valorização pessoal;
4. Processo participativo	4.1. Chegada ao grupo; 4.2. Vinculação ao grupo; 4.3. Sentimentos em relação ao grupo; 4.4. Sentimentos em relação às participantes;

5. Impactos da participação	5.1.Mudanças pessoais; 5.2.Criação de vínculos de amizade; 5.3.Restabelecimento de laços afetivos antigos.

Tabela 1: Temas e Sub-temas

3. A AFETIVIDADE E SUA EXPRESSÃO: AS VIVÊNCIAS DE DONA ANA

A afetividade, enquanto categoria de estudo e análise, se mostra indispensável para compreendermos desde as formas mais simples do comportamento humano de vinculação até um posicionamento ético baseado em um sentimento de afetividade profundo. Esse capítulo buscará percorrer brevemente esse caminho. Primeiramente, articulando dados teóricos referentes aos sentimentos e às emoções. Por conseguinte, será feito um recorte do sentimento de afetividade, enquanto uma categoria mais específica dentro da temática, buscando compreender como este foi e é vivenciado por Dona Ana. E, concluindo, serão abordadas questões relativas à expressão da afetividade, fazendo uma breve análise das condições psicossociais que dificultam essa expressão, buscando compreender também como deve se dar a expressão integrativa da afetividade humana, contextualizadas a partir da história de vida de Dona Ana.

3.1 Emoções e Sentimentos

Percorrer o caminho dos estudos sobre afetividade nos leva, necessariamente, a nos enveredar em busca de uma maior compreensão acerca das emoções e dos sentimentos, fenômenos inegavelmente corporais, mas que também se reconfiguram a partir do contexto sócio-histórico em que se insere o ser humano. Assim, se mostram como objetos de estudos fundamentais para a Psicologia, desde que se parta de uma noção de um ser humano inteiro e complexo, superando dicotomias tais como “corporeamente”, “razão-emoção”, “objetivo-subjetivo”.

Vygotsky², psicólogo russo que viveu entre 1896 e 1934, empreendeu esforços para elaborar um conhecimento psicológico pautado em uma dialeticidade que explicasse tanto a constituição do psiquismo humano e suas funções psicológicas superiores, quanto a relação entre essa constituição e os seus mediadores objetivos e subjetivos. Vygotsky apresenta então o homem como produto e produtor da história, quando rompe a escala filogenética e inicia o processo ontogenético, propiciado pela descoberta da ferramenta e o desenvolvimento da linguagem (LANE, 1994).

Sob essa perspectiva, Vigotski (2004) busca uma nova abordagem para o tema das emoções, as conceituando como um sistema de reações relacionados a certos estímulos, que podem ser externos ou internos. Seguindo uma ordem, percebemos

² O nome do autor se apresenta aqui em diversas formas de grafia em função das diferentes referências utilizadas nesse texto.

objetos, acontecimentos ou lembranças que suscitam mudanças corporais reflexas. Essas mudanças nos fazem ter o sentimento relacionado àquele fato ou objeto. Dessa forma, o sentimento é o momento secundário e tem caráter subjetivo, pois aquele que o experiencia tem uma noção bem diferente daquele que observa as expressões corporais que foram suscitadas. O observador perceberá as reações emocionais, enquanto o que sente atenta para a estimulação proprioceptiva decorrente das mesmas reações emocionais observáveis.

A natureza biológica das emoções nos remete a importância que teve para a sobrevivência da espécie humana. Advindas dos instintos, elas tinham importante papel na defesa, ativando mecanismos de fuga ou de luta, por exemplo. No entanto, com a constituição da cultura pelo homem, essas emoções ganharam um tom psicológico, se complexificaram e ajudaram a diversificar o comportamento humano. Embora as condições externas tenham se transformado, as emoções continuaram exercendo papel central na organização do comportamento humano por terem um caráter ativo capaz de regular e orientar o homem em função do estado geral de seu organismo (VIGOTSKI, 2004).

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isto significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo (VIGOTSKI, 2004, p.139)

Referindo-se especificamente à relação entre os aspectos intelectual, afetivo e volitivo, Vigotski (2004) afirma que a grande dificuldade da psicologia para explicar as origens do pensamento, seus motivos e suas necessidades advém de uma separação errônea desses aspectos. A saída para esse impasse estaria em compreender os fenômenos em seu contexto histórico, considerando as relações entre intelecto, afetos e signos sociais, evitando dualismos ou reducionismos.

É importante salientar que muitos aspectos da discussão de Vygotsky acerca das emoções têm influência de Espinosa, filósofo do século XVII, que trouxe um novo olhar acerca das emoções e dos sentimentos já em seu tempo, considerando o corpo humano e a alma como constituídos de uma mesma substância, que seria o absoluto - causa de si mesma, da existência e da essência de todos os seres do universo. “Corpo e

alma não estão numa relação hierárquica de comando, o corpo comandando a alma na paixão e no vício, a alma assumindo o comando do corpo na ação e na virtude” (CHAUÌ, 2006, p 54). A alma então ganha uma forma de uma força pensante que só conhece a si mesma quando percebe o corpo a partir de suas afecções e cria as idéias dessas afecções (ESPINOSA, 1972 apud CHAUÌ, 2006). Ou seja, a alma é a consciência da própria vida e consciência de se ter consciência.

Com essa consideração, o autor dá indicativos de uma relação complementar entre razão e emoção que influencia os escritos de Vygotsky. Nesse mesmo sentido, influenciado pelo materialismo histórico-dialético, Vygotsky não irá separar objetividade de subjetividade. Subjetivada a realidade sócio-histórica, ela se objetiva novamente através da atividade humana. Emoções, pensamento e linguagem surgem então como mediadores da constituição do psiquismo humano (LANE, 1994).

Damásio (1996), em pesquisas mais recentes, se aprofunda sobre o tema das emoções e dos sentimentos, compreendendo-os como funções indispensáveis para a expressão da racionalidade humana e, portanto, para sua evolução biológica. Segundo o autor, apenas uma racionalidade bem desenvolvida não dá os subsídios necessários para a tomada de decisões fundamentais na caminhada humana, aí é que sentimentos e emoções se constituem como elo essencial entre o corpo e a consciência.

O autor esclarece ainda que durante bastante tempo uma noção compartimentada do cérebro e dos processos mentais foi difundida baseada na idéia de que mecanismos da razão não podem ser perpassados pelas emoções. O cérebro “antigo” se encarregaria da regulação biológica, enquanto o neocórtex seria responsável por processos mais sutis e sensatos. Ou seja, no córtex estariam a razão e a força de vontade e no subcórtex, a emoção e os atos instintivos. No entanto, autor já apresenta um novo olhar sobre essa suposta divisão. Ele considera que a aparelhagem da racionalidade não funciona sem a aparelhagem da regulação biológica. Em suas palavras:

Os sentimentos e as emoções não são um luxo. Servem de guias internos e ajudam-nos a comunicar aos outros sinais que também podem os guiar. E os sentimentos não são nem intangíveis nem ilusórios. Ao contrário da opinião científica tradicional, são precisamente tão cognitivos como qualquer outra percepção. São o resultado de uma curiosa organização fisiológica que transformou o cérebro no público cativo das atividades teatrais do corpo. (DAMÁSIO, 1996, p.15)

Damásio (1996) faz ainda uma divisão entre os tipos de emoção. Ele as divide entre emoções primárias e emoções secundárias. As emoções primárias teriam localização cerebral no sistema límbico, na amígdala e no cíngulo, numa região mais antiga, relacionada aos instintos. Elas teriam origem em períodos remotos da humanidade, em que a reação emocional servia como estratégia de proteção e a sensação dessa emoção criava uma estratégia de proteção ampliada, através da generalização. Ou seja, o fato que elucidava a emoção era rapidamente associado ao estado corporal que provocava, então passava a constituir um conjunto de memórias importantes para o desenvolvimento da espécie humana. “[...] sentir os estados emocionais, que vale afirmar que se tem consciência das emoções, oferece-nos flexibilidade de resposta com base na história específica de nossas interações com o meio ambiente”. (DAMÁSIO, 1996, p. 162).

As emoções secundárias se constituem tanto a partir de uma ligação sistemática entre categorias de objetos, como de emoções primárias (DAMÁSIO, 1996). Dessa forma, o processo das emoções secundárias se inicia com considerações conscientes de uma determinada pessoa ou situação, que se encontram como imagens mentais organizadas em pensamentos e envolve uma avaliação cognitiva do conteúdo do acontecimento, um encontro com alguém especial, ou um acidente, por exemplo. Redes do córtex pré-frontal reagem aos sinais resultantes desse processo já descrito. Essas reações se dão pelo caráter adquirido, ou seja, não inato da situação que inicia o processo.

Sentir alegria ao encontro ou apavorar-se em um acidente são sensações que podem tanto ser associadas a vivências anteriores como a uma idéia que se tenha sobre esses acontecimentos. Isso é possível, pois ”o significado penetra na comunicação neurobiológica levando o homem a agir, não em resposta a uma estrutura e organização biológica, mas a uma idéia” (VYGOSTSKY, 1993a apud SAWAIA, 2001, p. 103). As mudanças provocadas por essas reações alteram o estado emocional do corpo e o próprio cérebro, gerando também alterações mentais adicionais. A experiência dessas mudanças se chamará de sentimento (DAMÁSIO, 1996).

As emoções complexas surgem a partir de uma combinação entre elementos históricos e relativos a situações específicas. Nossas capacidades de abstração, conceituação e significação as configuram de acordo com os diferentes contextos histórico-culturais, mesmo que tenham um radical biológico comum, como experiências subjetivas e singulares. Vygotsky e Damásio então convergem na noção

da complexidade das emoções. Elas não estão erroneamente ligadas apenas aos instintos, mas também são funções psicológicas superiores, mediadas pelos significados, de forma que as sinapses cerebrais também são mediadas socialmente (SAWAIA, 2000).

Lane (1994), inspirada em reflexões dos estudos de Wallon (1979) e de Heller (1979), utiliza-se do conceito de duração para distinguir dois tipos de afetos: emoção e sentimento. A emoção é imediata, breve e centrada em objetos ou imagens. Elas causam modificações corpóreas e comportamentais, que por serem facilmente observáveis, ganham caráter comunicativo. O sentimento apresenta uma forma de longa duração, não se referindo a objetos ou idéias específicas.

Damásio (1996) considera que todas as emoções originam sentimentos, desde que estejamos atentos e despertos, no entanto, não considera que todos os sentimentos provêm de emoções. Ele divide os sentimentos em duas categorias: de emoções e de fundo. Os sentimentos de emoções são experiências de sentir as alterações corporais em justaposição com imagens mentais que iniciaram o ciclo. A imagem do próprio corpo serve como qualificador das imagens das outras coisas (qualificados). Explicando a essência de um sentimento o autor diz:

À medida que ocorrem alterações no seu corpo, você fica sabendo da sua existência e pode acompanhar continuamente sua evolução. Apercebe-se de mudanças no estado corporal e segue seu desenrolar durante segundos e minutos. Esse processo de acompanhamento contínuo, essa experiência do que o corpo está fazendo *enquanto* pensamentos sobre conteúdos específicos continuam a desenrolar-se, é a essência daquilo que chamo de um sentimento (DAMÁSIO, 1996, p. 175).

Os sentimentos de fundo são descritos pelo autor como “sentimento da própria vida, sentimento de existir” (DAMÁSIO, 1996, p. 181). O sentimento de fundo nos dá noção do estado do nosso corpo nos intervalos em que não estamos sentindo alguma emoção. Sem essa percepção a nossa representação do eu seria destruída, pois a representação contínua do estado do corpo é que nos permite responder sobre como nos sentimos.

Câmara (2006) traz a concepção dos sentimentos enquanto expressão integrada entre emoções e significados. Assim como as emoções, eles contribuem para a organização e a regulação vital, mas atuam em níveis mais complexos. Estão engendrados em outras funções psicológicas tais como memória, imaginação e

raciocínio, lhes acrescentando o caráter da criatividade, da organização e da regulação do comportamento.

Em suma, emoções e sentimentos estão profundamente enraizados na experiência humana enquanto fenômenos biológicos que permeiam outras tantas funções psíquicas. Eles são fundamentais para a expressão da racionalidade, o que nos permite afirmar a relação dialética entre “emoção-razão”. Esclarecidas essas questões, passamos então a discutir sobre a forma de como esses dois fenômenos constituintes da corporeidade humana se relacionam para compor algo maior, o sentimento de afetividade.

3.2 O sentimento de afetividade

Sawaia (2000, 2001) e Lane (1994) consideram a afetividade como um conjunto que se compõe das emoções e dos sentimentos. Sawaia (2000) define afetividade como capacidade humana de elevar seus instintos à altura da consciência, por meio dos significados, de mediar a afecção pelos signos sociais, aumentando ou diminuindo nossa potência de ação. A afetividade (emoção e sentimento) é um universo particular de estudo e de ação social transformadora que supera a cisão universal/particular e mente e corpo.

Concordamos aqui que a afetividade é categoria mais ampla e que está relacionada com emoções e sentimentos, mas a consideraremos aqui como um sentimento, que não se desliga das emoções, mas que se complexifica e dá origem a uma capacidade básica do ser humano: a capacidade de amar. A afetividade atua biologicamente, tendo duração no tempo e fundando relações baseadas em sentimentos de amor, amizade, empatia, solidariedade, altruísmo, ternura e compaixão (TORO,1991).

Góis (2002) afirma que o ser humano tal qual conhecemos hoje surgiu a partir da transmutação de sua sensorialidade animal em uma sensibilidade mais profunda, que o permitiu abstrair-se da realidade imediata para percebê-la de outros modos. “No instante em que a sensorialidade, por caminhos desconhecidos em seus aspectos mais íntimos, se desdobrou em sensibilidade, o animal se revelou humano, se presentificou como **SER-NO-MUNDO-E-DO-MUNDO**” (GÓIS, 2002, p. 65, grifo do autor). Isso significa afirmar que o desenvolvimento da sensibilidade concedeu ao humano um salto evolutivo, permitindo a ele uma relação sensível com sua realidade, que agora além de perceber sensorialmente, pode amar.

No entanto, o autor afirma também que essa mudança qualitativa não nega ou anula a sensorialidade e a emoção animal no ser humano. Elas apenas passam a se integrar “[...] a uma nova realidade interna relacional nascente, a uma nova complexidade emergente, permitindo novos modos de interação do interior com o meio, além do surgimento da linguagem, da consciência e do mundo subjetivo” (GÓIS, 2002, p. 65). Dessa forma, podemos continuar afirmando uma relação complementar entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo do homem, sem precisarmos recorrer a dicotomias reducionistas.

É inegável a capacidade humana de ter sensações desprazerosas e significá-las como sentimentos negativos, que também ganham expressão nas relações. Essa capacidade está ligada a essa sensorialidade e também terá fortes componentes culturais. No entanto, ao falar do sentimento de afetividade, estaremos nos remetendo à possibilidade humana de estabelecer vínculos e expressar sentimentos positivos, advindos de sensações corporais prazerosas. Essa opção se dá pela visão positiva da afetividade, que só abordada dessa forma, pode dar origem a novas relações éticas entre os seres humanos.

O ser humano nasce ainda imaturo para a sobrevivência, sem condições de locomoção ou alimentação, por exemplo. Essa característica fez com que alguns estudiosos afirmassem que a dependência física é que produz uma dependência psíquica da mãe, que seria a responsável por suprir todas as necessidades do bebê, a essa afirmação deram o nome de Teoria do Impulso Secundário. Portanto a satisfação fisiológica é que produziria a necessidade emocional do outro. No entanto, Bolwby (1982), estudioso da infância humana, apresentou a Teoria da Vinculação, que considera que o comportamento de ligação se difere dos comportamentos sexuais e de alimentação, ou seja, não está atrelado ao conceito de dependência.

O comportamento de ligação tem função biológica de proteção e sobrevivência e é dirigido a indivíduos específicos, com quem se estabelece um vínculo que perdura boa parte do ciclo vital. A formação e o rompimento dos vínculos afetivos também acarretam fortes reações emocionais. A ameaça de rompimento gera ansiedade, enquanto a própria perda do laço afetivo ocasiona tristeza. No entanto, uma vez que um vínculo seja criado e mantido de forma inalterada por um longo tempo, ele é sentido como fonte de segurança (BOLWBY, 1982).

A partir dessas considerações, podemos entender que o comportamento de ligação irá formar a base que funda as relações sociais e a própria afetividade no ser

humano. Um ser humano que não possui como alicerce de desenvolvimento um ambiente permeado por laços afetivos se torna um ser desvinculado, sem raízes e solitário. Segundo Rolando Toro (1991), a afetividade humana se desenvolve a partir da protovivência³ de fome, nutrição, necessidade de proteção, calor humano e comunicação. E, durante a vida, a afetividade vai ganhando novos tons e novas formas, se constituindo como “afinidade profunda com os seres vivos em seus variados níveis, capaz de originar sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, companheirismo” (DALLA VECCHIA, 2002, p.68).

Considerando as bases biológicas fundadoras do sentimento de afetividade, lembramos que este também se configura a partir da significação das reações emocionais na consciência. Damásio (2000) faz uma importante observação acerca do sentimento e da consciência do sentimento. O autor afirma que esses não são fenômenos separados, no entanto os divide em estágios a fim de torná-los mais compreensíveis. Ele fala do estado de emoção, que pode ser desencadeado e executado sem que se tenha consciência, dando continuidade surge o estado de sentimento, que pode ser representando inconscientemente e, depois, um estado de sentimento tornado consciente, que reconhece emoções e sentimentos presentes no organismo.

Toro (1991) faz um paralelo entre o amor cósmico que reúne e dá forma a todo o universo, e a afetividade, forma que o amor assume no ser humano. Afirmar que a afetividade é um sentimento significa reconhecer sua duração temporal, o que a difere de uma emoção, que é instantânea. O sentimento de afetividade surge a partir do instinto de auto-preservação e perpassa toda a existência humana.

A Afetividade é complexa, tem duração no tempo por ser um sentimento, participa da consciência e da representação simbólica. A afetividade tem base instintiva. O instinto ativado provoca a sensação, a sensação desperta a emoção. Existem emoções que temos necessidade de elaborar. Aí passamos a simbolizá-las[...] A afetividade é sentimento que brota do instinto, passa pela sensação, é vivida como emoção; elaborada na consciência se torna sentimento. Sentimentos são emoções com duração no tempo (DALLA VECCHIA, 2002, p. 94)

Segundo Toro (1991), a afetividade, é o núcleo integrador do sistema biológico humano, conectando percepção, motricidade e funções viscerais. Ela também permite ao ser humano identificar-se empaticamente com as pessoas, expressar-se e comunicar-

³ As protovivências expressam o potencial genético humano de desenvolvimento. Elas são as condições prévias para o aparecimento posterior da vivência e acontecem nos momentos iniciais da vida (GÓIS, 2002) .

se sinceramente, dar e receber afeto, lutar pelo bem-estar do outro, doar-se, escutar o outro, valorizar e qualificar o outro, vincular-se com humanos sem discriminação de raça ou outras forma de diversidade.

A forma como a afetividade é apresentada por Toro, enquanto sentimento enraizado na identidade, parece se aproximar com o que Damásio (1996) chama de sentimento de fundo. O “sentimento de existir” é a base para todas as outras manifestações emocionais. O sentimento de afetividade, enquanto sentimento de fundo, forma o alicerce que origina a capacidade de afetar-se e, além disso, a capacidade de amar no ser humano. Ele não necessita estar vinculado às emoções para ser expresso. Ou seja, expressar a afetividade não significa necessariamente demonstrar uma emoção, e sim mostrar uma contínua disposição para o contato, a vinculação e o respeito ético.

A afetividade, segundo Heller (1979 apud BOMFIM, 2003) significa estar implicado em algo, que pode ser outro ser humano, um sentimento, uma causa. O desenvolvimento comunitário e a transformação da realidade só são possíveis se houver uma mudança profunda na forma como o ser humano se relaciona com o próprio ser humano. Colocar a afetividade na práxis de enfrentamento da exclusão é, segundo Sawaia (2001, p. 116) “colocar a felicidade como critério de definição de cidadania [...]”. Ou seja, o sentimento de afetividade, desde que vivenciado de forma plena e livre, pode fundar relações sociais baseadas no vínculo e no amor, se tornando a verdadeira fonte de uma transformação social.

Dona Ana, nossa protagonista, nos descreveu em diversos momentos da entrevista situações em que o sentimento de afetividade se faz presente. Ela nos relatou os vínculos de amizade que tinha quando criança e também adulta, o sentimento de amor que tem pelos filhos e o carinho por pessoas que a acolheram ao longo da vida, demonstrando que traz consigo um grande potencial afetivo, que pode se desenvolver à que medida que for expresso.

3.3 A expressão da afetividade nas vivências de Dona Ana

Será que não sabemos mais expressar nosso sentimento de afetividade? O que aconteceu com a capacidade de amar do ser humano? Que sociedade é essa que não nos deixar falar de sentimentos e acha que a razão é superior? Como vivem as pessoas encarceradas em seus corpos e com seus sentimentos contidos e formatados? Como as identidades têm se constituído baseadas nessa afetividade reprimida? Essas são

algumas questões que nos guiarão na busca de uma maior compreensão acerca da expressão da afetividade.

Não se pode falar de afetividade sem pensar imediatamente como sua expressão tem sido evitada ao longo da história da humanidade. Para compreender o que seria uma expressão saudável e integrativa da afetividade iremos percorrer, mesmo que brevemente, o caminho histórico e cultural que ditou a repressão como forma principal do homem lidar com suas emoções e seus sentimentos.

A tradição racionalista inaugurada em tempos remotos da Grécia clássica e que perpassa toda a história ocidental colocou a razão como principal capacidade humana, principalmente no que diz respeito à produção de conhecimento. As paixões na tradição grega platônica foram vistas, como “forças obscuras que obliteram a prática virtuosa” (BRANDÃO, 2008, p.18), ou seja, o homem realmente virtuoso, de conduta irreparável, se apresenta assim quando consegue domar seus impulsos emotivos. Inaugurava-se aí também uma cultura que ignorava o corpo e suas sensações, vistos como a fonte da corrupção da razão humana.

Se a prática da virtude é entendida como a busca do conhecimento racional e se a alma é vista como estrutura que deve ser governada pela razão, então é fácil compreender como a ética platônica [...] consiste em desprezar os prazeres as riquezas e as honras, bem como renunciar os bens do corpo e do mundo (BRANDÃO, 2008, p. 18).

Seguindo uma linha cronológica, a idade medieval traz consigo novas roupagens para a questão da razão e dos afetos. Dois principais pensadores dessa época, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, abordaram esse tema (ROUANET, 1999 apud BRANDÃO, 2008). No pensamento agostiniano, a vontade aparece como importante fator no processo de conhecer a realidade, no entanto, essa vontade deve subjugar as paixões e se basear numa iluminação divina, que revela a verdade. Na obra de São Tomás, a razão retoma seu lugar central, indicando que o homem conhece a verdade a partir dela e com ela que pode distinguir os caminhos do bem e do mal. Em ambos os pensamentos, portanto, as paixões são vistas como perturbações da alma que interferem ora na vontade, ora na razão.

Por conseguinte, Brandão (2008) cita o momento do Renascimento representado por pensadores como La Boétie, que trouxeram novas discussões acerca da afetividade. La Boétie (apud BRANDÃO, 2008) traz amizade e desejo como elementos fundamentais na produção política, que deve ir contra a servidão e a

opressão. A amizade surge então como sentimento necessário para uma atuação libertadora, e com isso, La Boétie empreende um novo rumo para a afetividade, a colocando definitivamente das discussões éticas e políticas (BRANDÃO, 2008).

Embora reconheçamos esse avanço na forma de abordar a afetividade em campos como a ciência, por exemplo, reconhecemos também que esta, enquanto sentimento humano enraizado na identidade (TORO, 1991), ainda está muito longe de ter seu direito de expressão garantido.

As participantes do grupo Paz e Amor, assim como outros moradores do Bom Jardim, trazem em suas histórias de vida uma carga histórica de opressão que os impele a assumir uma postura derrotista, baseada na Ideologia de Submissão e Resignação (GÓIS, 1993) Esse sistema de idéias se caracteriza por situar a população pobre numa posição inferior, de onde não deve sair, rotulando-a como “[...] serviçal, periférica, problemática, mão-de-obra barata e incapaz de protagonizar sua vida.” (GÓIS, 2008, p. 53). Interiorizada essa ideologia, se constroem sujeitos dissociados, bloqueados (TORO, 1991 *apud* GÓIS, 2008), portadores de uma Identidade de Oprimido e Explorado (GÓIS, 2008). Essa forma de se reconhecer do “sujeitado” dificulta sua integração social e o limita a viver de forma individualizada, mesmo que em um contexto comunitário. A negação mútua dos indivíduos, o distanciamento, as relações conflituosas de vizinhança, a sensação de solidão e de desamparo se expressam então no viver comunitário através do afrouxamento ou desatar dos laços afetivos.

Percebemos também que, atualmente, há muitos estilos de vida que geram uma enorme descompensação entre os níveis de sofrimento e de felicidade (TORO, 1991). A história de Dona Ana, protagonista deste trabalho monográfico, é perpassada por muitos momentos de sofrimento. Nas suas falas eles são muito mais frequentes do que os momentos em que relata alegria e prazer. As situações de agressão, violência e exploração relatadas têm início no momento em que perde seu pai, é expulsa de casa pela mãe e passa a viver com a madrinha na capital.

Com 10 anos, né, meu pai morreu quando eu tinha dez anos, aí fui morar na casa da minha vó com minha vó e meu tio, aí meu tio junto com minha vó que nos sustentava, né. Aí minha vó sai, viaja, passa ‘uns tempo’ no outro interior, junto com outra irmã dela e aí meu tio fica. Meu tio se casa aí vai morar noutra casa, aí minha mãe vai, se casa com outro cara e vai morar com ele, e aí ela vai e me tira de dentro de casa. Queria porque queria que eu saísse de dentro de casa pra ela poder se casar com esse cara. Aí ela tinha uma prima que era empregada aqui em Fortaleza, aí ela foi e me levou, né,

pediu a ela né pra deixar eu ir, aí ela deixou. Assim, ela queria muito era que eu saísse de casa .Aí eu sai, ficou uma irmã minha com 10 anos de idade, com 1 ano de idade. Aí eu já tava com 11, meu pai tinha morrido, eu tinha passado um tempo na casa da minha vó, aí eu já sai de casa, aí fui pra casa dessa mulher em Fortaleza, aí quando cheguei aqui ela pegou e disse que eu era madrinha dela, aí fiquei chamando ela de madrinha, aí daí começou...(R.16, L 100-115)

A característica gregária do ser humano dá origem a um grupo especial na sociedade conhecido como família. A definição de família não é algo simples, pois irá depender de contexto cultural que estamos falando. No entanto, existem algumas características gerais desse grupo social. Ele é composto por indivíduos que convivem cotidianamente, gerando uma complexa trama de emoções e ações. A família, além de fornecer condições de sobrevivência a seus membros, dá a eles também os aportes afetivo, educacional, ético, moral e é onde se aprofundam laços de solidariedade.

O estabelecimento de vínculos é próprio do ser humano, e a família, como grupo primário, é o *locus* para a concretização desta experiência. A confiança que o indivíduo tem de que pode estar no mundo e estar bem entre os outros lhe é transmitida pela sua aceitação dentro do grupo familiar. O sentir-se pertencente a um grupo, no caso, à família, possibilita-lhe no decorrer de sua vida pertencer a outros grupos (GOMES; PEREIRA, 2005)

Podemos pensar então que a desvinculação familiar ocasiona a perda do suporte que a família proporciona. O membro que é desvinculado a revelia de sua vontade, no caso Dona Ana, perde seu continente afetivo, a aceitação que desfruta no grupo familiar e sente-se isolado e desamparado.

Ampliando nosso foco de análise, podemos afirmar que muito do sofrimento que hoje observamos nos seres humanos advém do sistema capitalista. Esse sistema econômico dita a todos que estão sob suas rédeas uma forma de viver que centra a vida humana na produção de riquezas e na obtenção destas. A exploração do trabalho é a principal fonte geradora de lucro e riqueza. Portanto, a máquina capitalista é movida pela força do trabalho humano. As formas de produção impõem longas jornadas de trabalho e uma competitividade de mercado que se estende à vida dos trabalhadores e dos homens, de forma geral. Valores como o individualismo se intensificam, gerando uma desvinculação afetiva, embora a vinculação seja natural e fundamental ao ser humano. Essa lógica de exploração se difunde por toda a sociedade, naturalizando as relações de opressão, como a que D. Ana vivenciou na casa de sua madrinha:

Aí eu fui ser babá de 3 meninos, muito danado, muito danado mesmo, eu ficava louca com esses meninos. De manhã bem cedo eu tinha que levantar, ir pra padaria, botar a mesa do café, e acordar eles pra arrumar pra ir pro colégio. Eles com 8 anos e eu com 11 anos, eles ‘era bem grandão’ e eu bem pequenininha calçando eles. E assim foi né, eles ia pro colégio e eu ficava em casa, eu fazia as coisas, aí lavava as roupas deles, ia arrumar a casa, ia fazer as coisas dentro de casa. Eu pequena, com 10 anos comecei a trabalhar, um sofrimento muito grande...Quando eles chegava, aí eu ia tirar a roupa deles, banhar eles, ia pegava aquela roupa deles e ia lavar de tarde pra quando eles chegarem, quando for no outro dia eles já irem pro colégio, aí eu fazia as coisas. (R. 16, L 91-100)

Dona Ana teve sua força de trabalho explorada por sua madrinha, que não a remunerava pelos serviços prestados e não lhe oferecia algumas condições básicas para seu desenvolvimento, já que ela chegou a sua casa quando ainda era criança.

Aí eu parei de tudo. Aí eu fiquei sendo empregada dela pra tudo dentro de casa, pra cozinhar, passar, a casa, pra arrumar menino, cuidar de menino, pra passear nas calçada com o menino, e assim foi. Tinha uma dona lá, que era lavadeira dela, ela achava demais “Isso aí não é vida pra gente não, Ana, é vida pra burro, você trabalha que nem burro aqui, tem direito nem a roupa!”, nem uma roupa eu tinha direito, Luana. Ela era costureira pra fora, mas daquela sobra das roupas, ela fez um vestido pra mim. Em casa eu vivia de calção e blusinha, e de tarde eu tinha um vestido que ela tinha feito já de retalho, todo...Ficava bonitinho porque ela sabia fazer, de barra, essas coisas assim, aí todo dia eu ia vestir, lavava esse vestido, e vestia de tarde até rasgar. Aí quando tava perto de rasgar, ela ia e fazia outro, era desse jeito. Tinha que ter que era pra passear com ‘os menino’ de tarde, se não fosse isso também não tinha, era só ‘aqueles calção véi’ que ela ajeitava pra mim ficar dentro de casa.(R. 16, L 141-153)

Além da exploração do trabalho, Dona Ana relata outras situações que geraram sofrimento psíquico, pois eram impostos por sua madrinha e iam contra sua integridade física e psicológica: *“Ah! Luana, minha vida foi muita sofrida! Antes disso, é porque eu não me lembro total, tudo das coisas, mas antes disso eu dormia era no chão porque não tinha rede pra mim. Eles dormiam na cama, os filhos dela, e eu dormia no chão, no pé da cama ...(pausa emocionada). Aí foi, era ruim...Hoje em dia o pessoal diz que sofre né...” (R.18, L 205-209) .*

Toro (1991), fala dos valores anti-vida impostos pela sociedade capitalista. Colocadas como frases imperativas, ele diz: “No te muevas, no te exprees, no hables,

no toques ni te dejes tocar, no sientas, no tenga deseos⁴” (TORO, 1991, p. 172). Esses valores ganham expressão nas relações humanas, gerando pessoas infelizes, dissociadas, reprimidas, o que por sua vez criam condições para que as situações de violência a agressão se tornem cenas constantes do cotidiano.

Martin-Baró (2003) apresenta uma perspectiva psicossocial para abordar o tema da violência. Ele a irá considerar como um conceito amplo, que se expressa através de fenômenos ou atos em que se aplique excesso de força. A agressão se mostra como um conceito mais limitado, que se refere a atitudes de violência com as quais se busca causar danos ao outro. Dona Ana relata uma situação de agressão:

Quando eu não, quando fazia ‘as coisa errada’, ela vinha ‘pra dar em mim’, eu corria, me escondia ou ficava escondida no quintal, quando eu vinha, ela começava a me chamar já era danação. Aí quando foi um dia, ela tava na máquina costurando, e não foi porque eu quis, se levantou, ficou em pé, né, ali ajeitando a peça, e eu varrendo peguei a cadeira dela tirei de perto da máquina, ela foi sentar, sentou-se no chão. Luana, nesse dia foi...eu gelei! Que assim, passada mesmo de medo, aí corri, ela ficou se pelejando pra levantar, aí depois ela me chamou, aí viu que não era porque eu quis. “Venha, venha terminar de varrer, vou bater em você não”, sei que dóia na alma. Aí continuava a vida desse jeito, diariamente, todo dia aquilo. (R- 16, L 124-132)

Martin-Baró (2003) considera quatro principais elementos constitutivos do fenômeno psicossocial da agressão e da violência. Existe a estrutura formal do ato, que é a própria conduta agressiva ou violenta. Na situação narrada por Dona Ana, é a própria atitude de bater e de exercer um controle baseado na força que amedronta e paralisa. O segundo constitutivo, a equação pessoal, é formada por características do ato que só são explicáveis pelo caráter particular da pessoa que o realiza. As formas patológicas conduzem mais facilmente a execução de atos violentos. Não nos cabe aqui inferir sobre a situação psicológica da agressora na situação descrita, mas o fato é que esta durante bastante tempo da vida de Dona Ana a submeteu as situações de agressão e violência.

O contexto possibilitador é a situação propícia para a agressão e a violência, que se forja num contexto social mais amplo e num contexto imediato, situacional. D. Ana vivia em situação de tutela e submissão a madrinha, não dispunha de independência financeira ou apoio de outras pessoas. No caso da sociedade cearense, existe a prática por parte das famílias abastadas de buscarem moças do interior para trabalhar em suas

⁴ Texto em espanhol por ser citação direta.

casas como domésticas em troca de abrigo e alimentação, sem que estas tenham retorno financeiro pelo trabalho. Esses fatos compunham um quadro propício para a agressão. Além disso, há um fundo ideológico que fundamenta ou legitima a agressão e a violência. Existe uma realidade social configurada por interesses de classe de onde surgem valores e racionalizações que justificam suas ações. Como já citado, a ideologia capitalista de exploração legitima as relações sociais opressoras. A violência, portanto, se torna desumanizadora quando instaura uma situação de opressão (MARTIN-BARÓ, 2003).

Vislumbrando uma forma mais integrada de abordar o ser humano, Góis (2002) traz a vivência enquanto momento único vivido pelo homem, no qual este se integra ao fato de estar vivo e se conecta a si mesmo e à totalidade cósmica. Seus sentimentos e emoções estão enraizados em seu corpo, de forma que não há separação. No entanto, uma sociedade que durante séculos prima a razão frente à afetividade, faz com que a consciência também se imponha sobre a vivência, e a principal consequência disso é a expressão emocional reprimida. Segundo Góis (2002, p. 72), “Quando a consciência não flui da vivência, reprime qualquer possibilidade de expressão do selvagem, de um mundo instintivo e humano. O corpo é negado, a expressão emocional reprimida e os instintos proibidos”. Essa coibição do sentir, além de danos psicológicos, está marcada profundamente nos corpos, que de alguma forma ainda expressam o que é reprimido.

Reich (2004) fala das resistências do psiquismo humano frente à emergência dos conteúdos recalçados no inconsciente. Essa resistência se expressa na forma como alguém age, imprimindo um jeito típico de falar, andar, gesticular, entre outros hábitos corriqueiros. Quando o caráter⁵ se torna uma resistência dizemos que ocorreu o “encouraçamento do caráter” do ego contra o mundo exterior[...]” (REICH, 2004, p.60). A couraça do caráter se revela no corpo através de couraças musculares, ambas com a mesma função de defesa. Dessa forma, o corpo em geral é envolvido por essas couraças que dão a ele um aspecto endurecido, sem mobilidade e fluidez. A repressão deixa de ser um conceito abstrato e ganha no corpo humano também seu teatro, mas um teatro com cenas paradas e atores que não conseguem se movimentar entre os distintos atos de sua vida.

⁵ A definição de Reich de caráter: “Para conseguir realizar a restrição das pulsões exigida pelo mundo moderno e ser capaz de lidar com a estase de energia que resulta dessa inibição, o ego tem de passar por uma alteração [...] O ego, isto é, a parte do indivíduo exposta ao perigo, torna-se rígido quando está continuamente sujeito ao mesmo conflito[...]Nesse processo adquire um modo de reação crônico[...]ou seja, seu “caráter” ” (REICH, 2004, p. 314).

Toro (1991) traz na teoria da Biodança o conceito de repressão que de vai além do que foi descrito por Freud, quando fala de um sistema de normas internalizado, ou do próprio Reich, quando traz as forças ideológicas e sociopolíticas. Para o autor, a repressão dos impulsos vitais, tal qual líquido corrosivo, se infiltra na existência, em cada detalhe, circunstância e forma. A repressão está presente na disposição da cidade, na forma de organizar nossos lares, nas roupas, na produção de conhecimento, na alimentação, nos nossos gestos e movimentos. Assim, a repressão ganha uma dimensão ativa que intervém em vários níveis: relações sociais, afetivas, políticas e culturais (TORO, 1991). Eis o motivo pelo qual é tão difícil escapar dela.

Buscando encontrar as bases históricas do fenômeno da repressão, Toro (1991) faz uma síntese das principais vertentes culturais que fundaram a cultura ocidental. Segundo o autor, delas herdamos os valores, as glórias e as mentiras. Do Oriente, temos a influência do budismo, que afirma que a vida é uma ilusão, e que a fonte do sofrimento humano são os desejos e as emoções. A cultura judaico-cristã deixa a herança do patriarcado, da repressão sexual que castra os instintos e que condena ao inferno os que ousam burlar as regras. Os gregos separaram o corpo da alma, dissociando o espírito e a matéria e dando subsídios para a formação de uma cultura materialista. Da cultura romana, tivemos a noção de império, de poder absoluto e da divisão da sociedade em senhores e escravos, que posteriormente deu base para sistemas de governos ditatoriais e imperialistas.

Segundo Toro (1991), os valores desses sistemas supracitados se retroalimentam entre si: repressão sexual, divisão corpo-alma, onipotência e discriminação se fortalecem entre si. Isso ocasiona um homeostato cultural onde os valores culturais são estáticos e as instituições são colocadas a serviço da conservação da patologia histórica.

Aí quando foi um dia, ele [um amigo] chegou lá em casa “Bora, vai pro açude não Dona Rita?”, ela disse não, ‘Pois bora, José?’, que era meu irmão, “ Bora, Ana!”, ai minha mãe dizia “Ah, não! Ela não vai não! Nenhum vai porque eu não vou”. Isso aí pra mim foi a maior tristeza, me separou do meu amigo, eu me sentia feliz junto com eles tomando banho no açude, aí ela disse “ Não vou pro açude, vocês também não vão”, ai também foi uma tristeza pra mim, que eu me sentia feliz junto com eles brincando, eu era como criança, aí começaram a botar na minha cabeça “Você é uma mulher, ele é um homem, homem não pode tomar banho com uma mulher”, aí foram botando, botando, até que eu saí, mas aquilo ali pra mim achava normal, achava que era normal (R.19, L221-280.)

No trecho acima, D. Ana relata a forma como a repressão sexual e afetiva começou a agir em sua história. Em função de uma moral que reprime o desejo sexual e impõe um distanciamento entre homens e mulheres, D. Ana teve que abrir mão da convivência com o amigo e dos momentos de prazer que desfrutava ao seu lado, o que ocasionou um sentimento de tristeza.

Nesse contexto repressivo, o corpo humano tem cada parte sua simbolizada de uma forma desintegrada do todo organísmico. Por exemplo, na cultura ocidental a cabeça simboliza a nossa razão, enquanto a pélvis simboliza a sensualidade. E assim, todo o corpo vai sendo dividido pelas conotações desses conteúdos simbólicos (TORO, 1991). O movimento e o contato se dão carregados dessas simbolizações. O contato é evitado e o movimento é desintegrado e mecânico.

Toro (1991) descreve também a dissociação afetivo-prática, na qual as pessoas são impedidas de agir de acordo com seus desejos ou sentimentos. Querem uma coisa, e fazem outra. Desejam algo, mas o negam, o que pode ocasionar uma paralisia frente à vida. Devido à exploração e a repressão às quais foi submetida D. Ana, em diversos momentos de sua vida não pôde agir de acordo com seus desejos e sentimentos. A seguir, alguns trechos que exemplificam essa afirmação: *“É, aqui não me lembro de momentos felizes não, de jeito nenhum. Só era pra trabalho, e tudo. Às vezes, as vizinhas que eram minhas amigas juntavam “Bora, Ana, bora sair, bora pra praia!”, “Não, não posso porque ela não deixa” (R. 20 , L 291-293).*

O tempo foi passando, foi passando, eu naquilo, aí eu perguntei pra ela, as vizinhas tudo estudavam, trabalhava ‘nas casa’ e estudava, “ A senhora não vai me botar pra estudar não, madrinha?” , ela dizia, “Eu vou quando você completar 14 anos, eu vou botar na alfabetização dos adultos” , aí eu fiz alfabetização, fiz primeiro ano, fiz terceiro, quarto, quando foi no quarto ano, aí não tinha mais, aí parava. Aí o diretor do colégio dava um encaminhamento pra pessoa ir pra outro colégio, aí era o Liceu, aí e fui pedir a ela pra mim passar pro Liceu, aí ela foi e disse que não, não porque eu já ia era namorar, não queria estudar não, queria era namorar, aí eu disse que não, que eu ia estudar, aí ela não me deu, aí foi uma tristeza porque ela não deixou eu estudar. (R.16, L. 133-141)

[...]

Ai tinha o João, que com o tempo eu casei com ele[...]. Eu nem olhava pra ele! Mas prestava atenção que ele que ficava olhando pra mim, mas eu nem olhava pra ele. Casei com ele só pra mim ter uma casa, praticamente, porque eu vivia na casa dos outros e ele ficava

todo tempo, aí pronto, aí comecei a namorar mesmo com ele, fiquei com ele dois meses, aí ele “ Bora se casar, bora se casar”. [...] “Ah, vamo casar”, aí a gente casou no papel, o testemunho foi a família dele mesmo, casei na Parangaba, aí vim morar aqui. Mesmo sem amor, mas eu me casei[...] (R.16, L 119-237)

O casamento tem em nossa cultura uma função importante enquanto instituição que dá origem a novas famílias, e no nosso imaginário, perpassa uma idéia de que os casamentos devem acontecer por amor, por uma paixão entre duas pessoas. No entanto, na história de D. Ana, o casamento lhe serviu como uma forma de adquirir sua casa própria e livrar-se da dependência de outras pessoas, o que se difere bastante de um ideal romântico desse momento da vida. É relevante citar que Dona Ana apenas se referiu ao marido na entrevista quando contou de seu casamento e detalhou como viviam juntos, não relatando seu falecimento. Esse fato é citado aqui devido nosso contato prévio no grupo Paz e Amor.

Toda essa repressão difundida e enraizada na história, chega ao ser humano de forma implacável, gerando inúmeras patologias da linha da afetividade, que são “o ciúme exagerado, a raiva e o ódio, que se expressam na destrutividade, na discriminação social, na injustiça e nos impulsos auto-destrutivos” (TORO, 1986 apud DALLA VECCHIA, 2002, p. 68).

Falar de expressão da afetividade nos remete a duas linhas de vivência⁶ da Biodança: criatividade e afetividade. A expressão constitui uma protovivência humana, segundo Góis (2002), as primeiras experiências de expressão se dão com a emissão de sons, olhar o ambiente, pegar coisas, mover-se, levar objetos à boca, sorrir e chorar. Esses gestos levam a criança a conhecer o ambiente e também lhe permite mostrar seu modo particular de estar no mundo. “Ao expressar-se está fazendo-a a si mesma, à sociedade e ao Universo. Ao se expressar se faz único, além de visível em sua intimidade” (GÓIS, 2002, p. 84).

A protovivência de expressão se desenrola para dar origem à linha de vivência da criatividade. Criar implica transformação. Diferentemente do que se diz sobre adaptar-se, o ser humano conhece a realidade, se transforma a partir dela e a transforma a partir de suas ações. Segundo Toro (1991), a criatividade é um impulso para estabelecer novas formas de relações ecológicas e transformar o meio ambiente. Na

⁶ Linhas de vivência são os canais através dos quais a programação biológica humana ganha expressão. Os impulsos genéticos advindos dessa programação são elaborados e geram funções mais diferenciadas, como as emoções e os sentimentos. As cinco linhas de vivência são: afetividade, criatividade, vitalidade, sexualidade e transcendência.

história de vida de Dona Ana, a criatividade a ajudou a resistir à opressão que sofria, possibilitando-a alguns momentos de liberdade.

[...] eu inventei uma carta falsa pra mim conhecer minha mãe, já fazia 18 anos que eu tava lá e eu não tinha contato mais com minha família. Aí ela pegou e disse desse jeito” Ana, você não sabe ir não...”, aí eu “Sei! Sei ir...”, aí eu fui na rodoviária, aí perguntei onde era o ônibus pra Itapipoca, aí me disseram. Disse pra ela que sabia, inventei a carta falsa, a pessoa veio deixar lá em casa, aí de lá me arrumei e fui pra rodoviária. Eu vou, eu vou, eu vou e vendo aquilo ela deixou eu ir. Me deu o dinheiro pra mim ir, o dinheiro da ida e da volta. Aí eu fui, aí eu disse pra ela “ Eu vou passar uma semana”, mas quando eu cheguei lá passei dois dias, estranhei, uma coisa muito ruim lá, horrível. (R. 16, L 153-161)

Apesar do gesto corajoso e criativo, D. Ana, ao chegar ao interior, não foi tão bem recebida como imaginou, pois sua mãe exigiu que ela retornasse logo a Fortaleza. Segundo seus relatos também não havia um lugar confortável para acolhê-la, o que fez que voltasse para Fortaleza mais rápido do que o planejado: *“Vai lá, era dentro dum buraco, aí pronto, aí minha mãe foi, mandou logo eu voltar porque também não me queria lá. Fui nem pra casa da minha mãe não, fui pra casa de uma tia minha, fiquei lá. A tia mandou o marido dela vim me deixar, aí eu sai e fiquei sem ir lá (R-16, L 161-164).*

A afetividade aparece como uma linha de vivência e a protovivência relacionada a ela é a de segurança, que parte das necessidades básicas de alimentação, proteção e garantia de sobrevivência. Essas necessidades, juntamente com a necessidade de contato, levam o ser humano essencialmente a criar vínculos. A afetividade desdobra-se então desse instinto de sobrevivência para se transmutar em sentimentos de carinho, amizade, ternura, intimidade, proteção e solidariedade (GÓIS, 2002). Os momentos de felicidade e prazer relatados por D. Ana estão relacionados aos vínculos estabelecidos com outras pessoas. *“Me lembro, me lembro assim, que eu tinha um amigo, um rapazinho, e nós junto com minha mãe, antes dela se casar, a gente ia tomar banho num açude, ah! Adorava tomar banho nesse açude! era o que eu gostava (R. 19, L 269 -271).*

Também quando eu ia pro meu catecismo, quando eu fiz a minha primeira comunhão, aí eu me senti feliz, foi bom, Quando eu fiz minha primeira comunhão, com 11 anos eu fiz, aí eu já fui obrigada a sair de dentro de casa por causa desse homem. Eu ia pro catecismo todo domingo, e aquelas pessoas que não tinham condição de

comprar roupa pra primeira comunhão, o patronato lá dava as roupas, aí eu fui pra lá tirar medida, lá me deram a roupa, era a roupa de São Francisco, era branca, com um cordão na cintura, descalço, foi bom. Gostei. Uma coisa assim com muito menino, tudo junto, criança, foi muito bom. (R.19, L 280-287)

A expressão da afetividade significa então criar seu jeito de estar no mundo e amar esse mundo: pessoas, lugares e natureza. Criar seu jeito de dizer que ama, de mostrar que ama, e descobrir seu jeito de se vincular às pessoas e ao Todo. A expressão permite que o sentimento de afetividade seja vivenciado de forma plena, criativa, singular, sendo essa condição fundamental para o desenvolvimento de uma identidade integrada, capaz de conviver com outras identidades.

Dona Ana expressa sua afetividade quando é capaz de demonstrar sentimentos positivos em relação a outras pessoas. Na situação abaixo, ela relata como acolheu uma filha que o marido teve de outro relacionamento:

Mas apareceu outra [filha], dessa mulher que ele vivia ele tinha menina, essa menina eu gostava muito dela, ela vinha pra cá, a bichinha não tinha culpa, né, do que tava acontecendo com eles. Essa mulher trabalhava, ela que sustentava a menina, sempre ela vinha passar o dia aqui, e continuou sempre aqui, vindo aqui, aí com pouco tempo, quando ela se casou, separou casou com outro, aí combinei com meus dois filhos de fazer uma casinha pra ela aqui, aí ela fez a casinha aí. Com pouco tempo eu mandei puxar o muro, pra ela ficar pra lá e eu pra cá. Ela sabe do sofrimento que passei com ele, a mãe dela passou também. Hoje eu sou amiga da mãe dela, amiga assim, né, não quero mal, falo...(R.18, L 244-255)

Ela nos conta também do sentimento de amor que tem pelas pessoas que considera as mais importantes de sua vida e como o demonstra:

-E assim, atualmente, quais são as pessoas mais importantes da sua vida?

-Meus filhos! É tudo! Eles e minha neta, que quero muito bem.

-E o que você sente em relação a eles?

-Muito amor! São tudo! Se eu pudesse, Luana, eu botava assim uma casa bem grande pra cada um, uma casa boa pra cada um, enchia de móvel, dava pra eles. È porque eu não posso...(pausa emocionada).

-E seus filhos sabem do que você sente por eles?

Eu não sei não, mas...eles...devem saber, né? Porque eu viver trabalhando, ajudando, pra eles, que né pra mim, né, Porque eu ajudava, ia trabalhar pra ajudar ele, nera? Meu filho chega “Mãe, to sem dinheiro pra cortar o cabelo.”, aí vou lá dentro “Tome, corte.”, assim, sempre uma coisa, eu já tô ajudando.

-Seu jeito de demonstrar é assim, né, cuidando...

-A roupa dele é toda lavada de lavanda aqui, engomada. Oh, ele vai trabalhar, ele tem uma mulher, né, mas ele vai trabalhar, quando ele chega do trabalho ele vem pra cá, aqui ele toma banho, se quiser

jantar, janta, deixa roupa suja aqui e vai com uma limpinha pra casa, e a roupa limpinha que ele foi, ele volta, deixa, já vai é com outra.[...] também tem aquele cuidado com eles, eu tô assim num canto “Meu deus, esqueci dizer pra Silvana que tem comida tal na geladeira pra ela”, aí fico pensando naquilo...Eu gosto dos meus filhos. Gosto assim de ter aquela responsabilidade firme mesmo, ter aquele responsabilidade, cumprir a responsabilidade (P.32-35, R.32-35, L.418-443).

Observamos que o modo de demonstrar seus sentimentos de D. Ana é basicamente através de atitudes práticas: permitindo que fosse construída uma casa em seu terreno para a filha de seu marido, cuidando das roupas e da alimentação dos filhos. A maior demonstração de amor que poderia dar a eles seria construindo uma casa grande e a mobiliando com tudo o que pudesse comprar. Para ela, o demonstrar o sentimento de amor está diretamente relacionado ao cumprimento de suas responsabilidades. Reconhecemos a forma particular de demonstrar os sentimentos positivos de D. Ana, no entanto seus gestos de expressão de afetividade parecem ainda estar distantes do que Toro (1991) considera como integração afetiva.

A integração afetiva é a unidade de percepção, motricidade, sentimentos, emoções e funções viscerais. O núcleo que promove essa integração é exatamente a afetividade, que é capaz de agir sobre os centros límbico-hipotalâmicos, os reguladores do organismo. Em estado de integração o organismo humano é capaz de resistir melhor ao estresse e ter melhor resistência imunológica (TORO, 1991). A integração afetiva também se caracteriza pela capacidade de perceber empaticamente o outro, identificar-se com os estados emocionais do outro, expressar-se verbal e corporalmente com sinceridade e amar com intensidade.

Segundo a narrativa de Dona Ana, ela ama com bastante intensidade os filhos, mas não consegue expressar verbal ou corporalmente o amor que sente. Mesmo que consiga perceber as situações em que os filhos precisam dela e de seu cuidado, seu amor é demonstrado através de atitudes ou de concessões materiais. Desta maneira, percebemos seu potencial afetivo, mas notamos também os efeitos da repressão que sofreu ao longo de sua história, impondo-lhe uma forma limitada de demonstrar o que sente e reduzindo suas possibilidades de desenvolver uma identidade mais plena.

Góis (2002) se refere ao conceito de identidade como uma noção de si mesmo que tem como base e origem o próprio organismo biológico, que, com suas particularidades e generalidades, “é desdobrado em movimento, sensações e

sentimentos de estar vivo [...]” (GÓIS, 2002, p.53). A identidade está sempre em construção, se moldando de forma singular e surgindo como a expressão de si nas relações concretas do cotidiano (GÓIS, 2008). Sendo a afetividade o núcleo integrador da existência humana, podemos imaginar que sua negação e repressão trazem sérias conseqüências nesse processo de construção da identidade.

No processo de construção e recriação permanente da identidade o indivíduo vai posicionando-se ante as situações da vida. A isso denominamos estilo ou modo de viver. Quando essa maneira de viver torna-se pequena, repetitiva, estereotipada ou fragmentada, podemos dizer que estamos diante de uma identidade fragilizada, rígida ou de uma identidade bloqueada, dissociada ou desorganizada (GÓIS, 2008, p.58)

Entretanto, expressar o sentimento de afetividade não é um simples descarregar de anseios reprimidos. O expressar saudável da afetividade consiste em sinceridade e espontaneidade para responder a cada situação (TORO, 1991), por exemplo, em uma relação que desperta carinho, esse sentimento pode ser declarado verbal ou fisicamente, sem a sensação de ameaça por se estar mostrando o que de fato é sentido. “Expressar emoções não é livrar-se delas, senão reforçá-las”. (TORO, 1991, p.205). Ou seja, as emoções não ganham expressão ao serem despejadas como líquido excedente de um recipiente, mas sim quando demonstradas de forma integrada e em situações que possam reforçá-las. As emoções negativas também devem ser consideradas e expressas, mas de forma criativa, permitindo que se transmutem em crescimento e não gerando ainda mais sentimentos negativos.

Todas as situações de exploração, violência, agressão e repressão fizeram emergir em D. Ana diversos sentimentos negativos. Os sentimentos negativos são considerados aqui como aqueles que advêm de sensações corporais desagradáveis e geram desvinculação e sofrimento. D. Ana descreve algumas situações em que expressou esses sentimentos negativos:

Mas o homem que era casado com a minha mãe, que fez maldade com a gente, ele não fez, ele queria fazer, mataram ele na linha do trem. Estrangularam ele, quebraram o pescoço dele. O pessoal diz que foi o pai da menina que ele fez mal. Ele morreu estrangulado, eu não achei bom não. Achei ótimo. Ele acabou com a minha vida esse homem, se não fosse...quer dizer, eu não sei, né Luana, poder ser que seja até um bem que ela tenha feito, nem sei, se não eu tava aqui, né?!, aí ele morreu. Sei que minha mãe só faltou ficar doida. (R.16, L 180-185)

- Quando é que você sente que se tornou adulta?

- Com 25 anos, que eu disse “Agora eu sou adulta!”, que foi nos 25 anos que eu comecei arranjar trabalho, agora eu sou adulta. Cheguei pra ela, ela mandou eu ir pra rua fazer uma compra pra ela, comprar um tecido do jeito que ela quisesse. Aí eu procurei esse tecido e não encontrei, e ela achava que eu sabia e eu não encontrei, aí foi que eu achei outro parecido, parecido, mas o tecido não era igual, era parecidinho, era igualzinho, né, mas o tecido não era igual. Aí pedi uma amostra ao vendedor pra mim levar pra lá pra mim mostrar que não era igual. Aí ela foi e disse assim “Tem o tecido, você que não procurou direito, mas ter tem. Você anda atrás é de namorado, você anda é namorando por aí e fica inventando história”, eu disse “ É não, madrinha, foi isso não, eu procurei mesmo”, ela disse ficou gritando em cima de mim, ela fechou pra cima de mim pra dar em mim, aí quando ela fechou em cima pra dar em mim, aí também peguei a roupa dela e rasguei todinha, fechei os olhos, agarrei aqui, puxei e rasguei. Aí o filho dela veio, pegou ela, me segurou, aí eu fui e disse “ Olhe, madrinha, a senhora quer o meu sangue, a senhora me quer como um bicho bruto, não me considera de jeito nenhum. Eu já sou uma pessoa adulta, eu já sei o que é que eu quero, eu não vou embora. Vou procurar um emprego pra mim e vou trabalhar”. Aí ela disse “ Você vai é simhora, quando for no outro dia eu vou dar o dinheiro a você pra você ir embora”. “Ta certo, pois me dê que eu vou”, ela não me deu o dinheiro, só que eu arrumei dinheiro com as minhas amigas e fui tirar meus documentos, fui procurar trabalho.

- Aí você sente que virou adulta...

- Ali eu tomei um negócio, né, desse negócio que ela fez comigo ali, aquilo ali me fez uma pessoa adulta. Como é que uma pessoa com 25 anos a pessoa fechando em cima da outra pra dar, né, Luana?! (P.24-25, R.24-25 L 321-354)

Era dia de sábado, aí era de noite, a gente ia pro mercantil, pro mercantil ela me dava tudo anotado, me dava o dinheiro, eu ia lá, fazia as compras ‘tudim’, chegava em casa, chamava ela pra ver, dava a nota a ela, ela conferia o troco, e eu ia guardar as compras. Eu tinha que fazer economia pra dar pra semana todinha. Aí cada dia uma comida diferente na semana, ela ia me dando...Depois, ela dizia que sentia a maior falta de mim, hoje é minha amiga, me chamando pra ir lá “ Ana, quero lhe ver, venha aqui, os meninos querem lhe ver...”, mas eu não vou não, piso nem lá! (R.28, L 366-372)

Os sentimentos presentes nas situações acima são os sentimentos de vingança, raiva e rejeição. O sentimento de vingança parece não trazer nenhum benefício a D. Ana, pois apenas a motiva a relembrar situações desagradáveis do passado. No entanto, o tornar-se adulta para D. Ana foi marcado por dois fatos principais, conseguir um emprego e reagir à opressão que tolerou por vários anos. A segunda situação

supracitada traz uma reação agressiva de D. Ana contra a madrinha. D. Ana parece ter sido motivada por um sentimento de raiva devido às injustiças que sofrera. A última fala remete à um sentimento de rejeição que sente em relação ao lugar e às pessoas que estão relacionadas aos anos de sofrimento. Tanto o sentimento de raiva quanto o de rejeição são caracterizados como sentimentos negativos, no entanto no contexto da história de vida de D. Ana a expressão deles teve uma função importante para sua autoatualização⁷.

A raiva expressa contra a madrinha através da agressão marcou um momento central da vida de D. Ana: o tornar-se adulta. Nessa situação, D. Ana exerceu uma violência criadora (TORO, 1991), que se caracteriza pela expressão dos afetos negativos, mas que os transmuta em energia vital que impulsiona para a criação de novos rumos para sua vida. Além disso, expressar os sentimentos negativos também está relacionado à noção de liberdade experiencial (KINGET, 1975) vivenciada por D. Ana naquele momento. A liberdade experiencial não se configura como um direito de exprimir qualquer impulso da forma que o indivíduo desejar, sem que ninguém possa regular sua conduta. A liberdade experiencial é o próprio sentimento de se sentir livre para reconhecer e elaborar suas experiências e sentimentos pessoais, sem que seja obrigado a negar ou deformar suas atitudes em função do apreço das pessoas que lhe são importantes. “A liberdade existe quando o indivíduo se dá conta do que lhe é permitido expressar (ao menos verbalmente): sua experiência, seus pensamentos, emoções, desejos tais e quais ele os experimenta e independentemente de sua conformidade às normas sociais e morais que regem seu meio ambiente” (KINGET, 1975, p.47).

A liberdade experiencial permite ao indivíduo agir com congruência, o que por sua vez dá início a um processo de reintegração que estabelece um acordo entre o eu e a experiência. A reintegração permite que o comportamento de defesa seja menos freqüente, a consideração de si aumente e o indivíduo funcione cada vez melhor (ROGERS, 1975). Tanto na situação em que agrediu a madrinha, como na situação em que evita o contato com pessoas e lugares do passado, D. Ana tem claros os sentimentos que surgem e age de forma congruente com eles. No caso da agressão, esta parece ter sido fundamental para que o núcleo de vida reagisse, demonstrando sua força

⁷ A autoatualização é a própria atualização do organismo visando desenvolver suas potencialidades, assegurando sua conservação e seu desenvolvimento integral baseado no que percebe como enriquecedor, não sendo necessariamente o que parece objetivamente enriquecedor. (KINGET, 1975).

que fora por tanto tempo reprimida. Quando evita ir ao encontro das pessoas e do lugar onde viveu durante anos, o faz por vivenciar novamente um sofrimento, no entanto, este agora pode ser evitado.

Expressar afetividade parece ser um ato mais livre na medida em que a pessoa tem seu valor pessoal reconhecido. A valorização pessoal acontece quando se entra em contato com o núcleo de vida, fazendo com que o indivíduo passe a sentir capaz de viver, ter auto-estima, trabalhar e construir sua história (GÓIS, 2008). Dona Ana descreve uma situação de reconhecimento de seu valor pessoal:

-Ai pronto quando daí de lá, que vim morar aqui com a D. Edna, que conhecia o João, que me casei com ele. Aí ele começou a ser ruim comigo, eu sai do trabalho, aí chegou uma mulher aqui, que morava ali na pracinha, aí disse “ Ana, tem uma faxina ali, a mulher doida por uma faxina, tu tem coragem de ir?”, “Nunca trabalhei de faxina não.”, quer dizer que eu conhecia o serviço, mas nunca trabalhei assim não, “Mas é tão boa ela...”, “ É mesmo, eu vou lá.”, aí fui, aí cheguei na casa dessa mulher, era tão sujo! Mas eu comecei a limpar, eu tenho um amor assim em limpar as coisas, sabe, aí eu limpei todinha, aí quando foi já de noite, 6h, eu terminei. Aí ela disse desse jeito “Oh, Ana, gostei tanto do teu trabalho, ‘cê’ faz faz suas coisas tão bem, ‘cê’ fez tão perfeito. Daqui a 15 dias venha de novo. Dá pra você vim?”, aí eu disse, “Dá!”, aí ela “ Me dê seu telefone”, o telefone era um telefone público, distante, “Não dá pra mim dá não porque ta muito longe”, “ Aí ela, “eu mando o recado”, por essa mesma mulher que trabalhava vizinho. Isso foi num sábado, terça ela ligou pra mim ir lava a roupa da mãe dela, aí lavei roupa da mãe dela, aí um amigo do filho dela me conheceu e pediu pra eu ir também pra casa dele[...] ela não tenho coragem de deixar ela de jeito nenhum, eu to aqui, ela ta lá, qualquer coisa ela liga pra mim. Eu já sei tudo da casa dela, pode nem sumir nada que a mulher pode dizer que sou eu! (risos)...Ela viaja na quinta, fica sexta, sábado, aí a empregada vai de dia, de noite eu vou dormir lá. Ela diz assim “Ana, se você tiver vontade de qualquer coisa, de comer, pode tirar!”, “você faz parte da família!”. Os filhos dela diz assim “Ana, minha roupa manchou!”, “ Manchou? Todo cuidado que eu tenho e ainda manchou? Se tiver achando ruim pode achar outra!”, “ Tu é doida, Ana, ninguém pode reclamar nada de ti!”, “ Não, é que todo cuidado que eu tenho ainda faz isso...”

-Então lá você pode dizer o que pensa...

- Ah! Posso! Posso dizer o que eu penso lá, às vezes eu digo, vou comer tal coisa, “Pra que tu vem me dizer, Ana?”, pra mim é livre. O marido dela doido por mim, me quer muito bem, às vezes quando vou pra lá ele me dá 70 reais, não sei nem quanto é o dia de uma lavadeira e da faxineira. Dia de segunda vou lavara roupa deles, ele em dá 70 reais, “Ana, que que tu vai fazer pro jantar?”, “Vou ajeitar qualquer coisa”, aí ele vai lá na geladeira, tira carne pra mim trazer. É a pessoa assim muito boa.

- Eles lhe valorizam, né...

- É, eles me valorizam! Mais que minha madrinha que me criou! Quer dizer que agora eu chego lá, é mesmo que ser de casa também, né, também passei muito tempo, tudo, mas nessa outra me sinto mais a vontade, e aí ela já tá com bem uns 32 anos que tô com ela. Muito tempo, eu nem tinha meu filho e já tava lá... (P.29-31, R.29-31, L 380 - 416)

Na situação narrada, D. Ana fala de uma família para quem trabalha durante anos. Ela é considerada parte da família e lá encontra espaço para expressar o que pensa, além de ter reconhecido o valor de seu trabalho. A valorização pessoal, portanto, parece favorecer a expressão do potencial afetivo, pois fortalece o núcleo de vida, a auto-estima e cria condições para o aparecimento de fortes laços afetivos.

A expressão da afetividade, dessa forma, está para além da expressão das emoções, se apresenta como um fenômeno mais amplo, englobando os sentimentos e a significação deles na consciência. Podemos dizer que a expressão da afetividade é o caminho principal para a integração afetiva, pois é através dela que os sentimentos positivos são demonstrados e os laços afetivos são criados e fortalecidos. Expressar afetividade é um ato físico, pois contempla a dimensão corporal, permitindo o contato integrativo, e a diminuição da tensão ocasionada pela repressão emocional; e consciente, pois os sentimentos expressos passam a ser significados na consciência, aumentando a autopercepção e a percepção do mundo.

A história de Dona Ana é perpassada por inúmeras situações em que sua afetividade não pôde ser expressa devido a uma forte repressão. O que percebemos através do que foi relatado é a existência de núcleo afetivo com características de um potencial (TORO, 1991) que se manifesta em alguns momentos, quando percebe e demonstra sentimentos positivos e quando se mostra disponível para a criação de laços afetivos, por exemplo. No entanto, percebemos também ainda fortes traços da repressão, quando não consegue expressar verbalmente ou fisicamente o amor por quem considera as pessoas mais importantes de sua vida, os filhos.

4. DONA ANA CHEGA AO GRUPO PAZ E AMOR...

O presente capítulo está organizado de forma a tratar, num primeiro momento, de questões teóricas referentes ao processo participativo, bem como suas implicações na dimensão psicológica do sujeito. Por conseguinte, buscaremos discorrer sobre a relação entre participação e grupo, espaço em que o ato de participar ganha os contornos da realidade. Com esse aporte teórico, posteriormente, descreveremos o processo de participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor.

4.1 Participação: como acontece? E o que ela pode transformar?

A participação se apresenta como um tema cada vez mais presente nas discussões políticas e sociais do nosso país, que tem como regime político oficial a democracia. Na democracia, a participação da sociedade é condição fundamental na tomada das decisões que lhe dizem respeito. A origem do poder do Estado são as pessoas, portanto, as decisões tomadas em um regime democrático só são legítimas se estiverem de acordo com o desejo da maioria. A participação é o meio através do qual pode haver uma descentralização de poder, garantindo a autonomia dos sujeitos e limitando o poder auto-centrado do Estado.

De certa forma, já se reconhece que a participação popular pode contribuir para a melhor administração dos recursos e para a resolução de questões sociais. No entanto, ainda é incipiente o reconhecimento das potencialidades das comunidades na resolução de seus próprios problemas. Percebemos isso como um processo cultural em andamento, que busca transformar um olhar sobre as comunidades ditas carentes em um olhar ético, que reconhece o valor e a potência de luta presentes ali. O caminho da participação nos parece o principal a ser percorrido se almejamos encontrar no fim da estrada uma sociedade composta por homens e mulheres libertos de suas condições de opressão. Além disso, a participação é congruente com as características humanas de vinculação e comunidade. Como diz Giustina (2004, p.185):

A gravitação universal, a gravidade, os ciclos e sistemas da natureza, tudo funciona por atração e complementaridade, seja mecânica, biológica ou instintiva. Por que não pode o mundo dos homens funcionar pela cooperação, pela participação, pela solidariedade e pelo amor, que constituem a forma consciente de atração e de complementaridade?

Se considerarmos o ato de participar como fundador de uma nova forma de organização social, econômica, política e cultural, precisaremos também estar atentos a alguns percalços que podem surgir no caminho. Demo (1986) nos lembra uma questão importante: a participação é um

ato de conquista, é sempre um processo em movimento, inacabado, que se faz e refaz cotidianamente. Se cairmos numa naturalização do processo participativo, estaremos considerando-o como uma dádiva, uma doação de pequena parcela de poder de quem o detém para outra parcela da população que o recebe com gratidão e resignação. Assim, retornamos a uma postura assistencialista. Podemos ainda, enquanto classe social privilegiada, fazer da participação um discurso teórico que busca amenizar os conflitos das questões sociais, mas dificilmente aplicado e vivenciado na realidade, pois, na verdade, estamos mais preocupados em manter nosso *status quo*.

A participação é desvirtuada se serve de instrumento ou estratégia de legitimação ou de consolidação de um sistema dado, que já mostra seus sinais de falência, como a incapacidade de dividir as riquezas produzidas, gerando abismos sociais e impondo a uma maioria condições de vida precárias. Segundo Ammann (1978), a participação deve ter o objetivo de distribuir os bens da sociedade, a partir de uma postura transformadora dos mecanismos que mantêm e reproduzem as desigualdades sociais.

A própria participação, então, é o meio pelo qual podemos escapar dessa armadilha ideológica e mantenedora das regalias de algumas classes em detrimento de outras. Ela possibilita que a desigualdade política seja aos poucos transmutada, através da distribuição do poder entre as mãos daqueles que se propõem a participar em prol de um bem coletivo. Mas devemos lembrar: é sempre um processo inacabado, conquistado passo a passo por aqueles que se engajam na luta por uma sociedade realmente democrática, sejam eles técnicos, professores, estudantes, profissionais ou moradores das comunidades. O ato de participar permite ao ser humano atingir sua autopromoção, possibilitando-o criar uma história menos desigual através de suas ações. É através da participação que o homem exerce suas metas de autogestão, democracia, liberdade e convivência (DEMO, 2008).

Bordenave (1983) subdivide a participação em duas categorias: a micro e a macroparticipação. A microparticipação é compreendida como uma associação voluntária de duas ou mais pessoas que realizam uma atividade comum, da qual não buscam obter apenas benefícios individuais e imediatos. A macroparticipação implica em uma intervenção nos processos que forjam e modificam a sociedade. Os indivíduos engajados nesse tipo de participação estão presentes em lutas sociais, econômicas e políticas e, através delas, “têm parte na produção, na gestão e no usufruto dos bens de uma sociedade historicamente determinada” (BORDENAVE, 1983, p. 25).

Embora, à primeira vista, esses dois pareçam ser processos participativos independentes entre si e diferentes em suas bases, precisamos lembrar o que antes afirmamos: participação se conquista

participando, abrindo veredas por lugares novos e potentes. Dessa maneira, vislumbramos a trilha da participação macrossocial passando anteriormente por espaços que se caracterizam mais por ter um processo de microparticipação. Portanto, os dois processos são interdependentes e fundamentais para trabalhos comunitários que buscam a libertação da opressão.

A participação de Dona Ana e das demais mulheres no grupo Paz e Amor parece se aproximar mais da microparticipação, pois o grupo apresenta a característica de ser uma associação voluntária por parte das moradoras do Santo Amaro, que realizam atividades em comum e buscam benefícios para além dos individuais e imediatos. O objetivo do grupo, definido pelas participantes, é oferecer um espaço de encontro e partilha de sentimentos bons, como a paz e o amor, aprendizados e ajuda mútua. Nessa perspectiva, elas rompem os limites de suas dificuldades individuais e começam a perceber umas nas outras companheiras, visando também ampliar o alcance dos benefícios do grupo.

A participação é uma necessidade fundamental do ser humano, na qual este pode exercer plenamente sua tendência a se realizar, se afirmar, modificar a si mesmo e ao mundo (BORDENAVE, 1983). O ato de participar se mostra, portanto, uma atividade humana forjadora do psiquismo e construtora do seu entorno, que, com linguagem poética, Góis (2002, p.41) descreve:

Participar é fazer do seu gesto um ato permanente de educar, que liberta da fusão as sementes que pulsam, vibram e querem naturalmente germinar, pois somos sementes conectadas por uma rede de relações vitais fios de natureza que nos conectam entre si e ao infinito, chamando-nos a dançar com autonomia e plenitude essa grande dança de comunicação e encontro. Nada pode deter esse chamado, a não ser a própria vida em sua força auto-organizadora e auto-transcendente.

Ao buscarmos compreender os processos psicológicos envolvidos na participação, não estamos indo no sentido de psicologizar uma ação eminentemente social. Nossa intenção está voltada para acrescentar, sob uma perspectiva dialética, pormenores da dinâmica indivíduo/social pertinentes à participação. Os impactos sociais e culturais da participação acontecem em cada ser humano, criando-os e transformando-os subjetivamente. Estes, transformados, modificam sua realidade, num processo vivo e dinâmico. O papel da Psicologia, portanto, está em compreender os aspectos da consciência pessoal (GÓIS, 2005) envolvidos no ato de fazer e tomar parte de uma atividade, buscando os elementos que se relacionam com sua motivação, sua ação em si e com seus impactos na esfera subjetiva, sem esquecer que esses impactos também transformam a realidade.

Nesse sentido é que Góis (2008) diferencia participação e mobilização, embora também as considere como partes constituintes de um processo dialético. A participação se apresenta como condição imprescindível à atividade consciente do indivíduo, que age em seu próprio benefício e em benefício de uma coletividade. A participação cria condições para a potenciação pessoal. A mobilização estaria relacionada à potenciação de uma coletividade. Sendo condição criada nesse meio coletivo a partir da participação dos indivíduos, a mobilização dá vida a um sujeito coletivo que reconhece e assume seu poder diante das ações do Estado, dos grupos, dos indivíduos e das comunidades (GÓIS, 2008).

Os aportes da teoria de Vygotsky (1996), assim como de seu colaboradores, Luria (1996) e Leontiev (1978), nos mostram um caminho para compreender a participação como uma forma de agir no mundo, o transformando para, ser também transformado por ele. Vygotsky (1989,1996) empreendeu diversos estudos no sentido de compreender o desenvolvimento dos processos psicológicos. Entre suas conclusões, Vygotsky e Luria (1996) trazem a atividade humana como uma atividade com significado, sendo esta mediatizadora do processo de hominização (filogênese e ontogênese), humanização (sociogênese) e construção do sujeito (microgênese). Sendo a participação um tipo de atividade desempenhada pelo homem no seu contexto sócio-histórico, podemos atribuir-lhe as características fundamentais da atividade como propõe a Teoria Histórico-Cultural da Mente: a participação tem função de apropriação, interiorização e transformação da realidade.

A participação funciona então como mediadora da ação humana na realidade, pois através dela o homem pode agir de forma concreta e transformar sua realidade social, ao mesmo passo que é transformado por esta. Além disso, a participação enquanto atividade também traz o caráter comunicativo que possibilita a interação social e modifica o psiquismo a partir da interiorização da realidade por um processo ativo de significação (LEONTIEV, 1978).

“O ser humano não se adapta, se apropria do mundo por meio de uma atividade que é significativa, orientadora e transformadora” (GÓIS, 2005, p.84). A participação está envolvida tanto nos processos de humanização, quanto na construção do sujeito. No ato de participar, o indivíduo é mediado pelo contato com os demais, pelos símbolos e signos envolvidos no contexto grupal, pela comunicação com outras pessoas. Isso tudo o coloca em uma relação intersubjetiva, o ajudando a construir novos sentidos e significados acerca de sua realidade, da qual se apropriará, ampliando sua capacidade de interação e de transformação desse entorno.

Góis (2005) concebe a atividade comunitária como uma atividade conjunta de moradores, que é significativa, consciente, e busca o desenvolvimento da comunidade. Essas atividades respondem às demandas da comunidade, bem como estão de acordo com as motivações

individuais de cada morador. As atividades comunitárias têm em si seus próprios objetivos, mas, além disso, elas também “estão organizadas e orientadas pela integração entre o sistema necessidades-motivos-objetos-objetivos e o sistema de significados-sentidos-sentimentos decorrentes da vida comunitária” (GÓIS, 2005, p.87).

A atividade comunitária possibilita o surgimento de uma ética comunitária, pois supera contradições entre os desejos individuais e as necessidades coletivas (GÓIS, 2005). A necessidade de condições melhores de vida para cada um se torna um objetivo comum e que pode ser atingido mais facilmente através da união e da cooperação. Isso é possível desde que cada morador se coloque como sujeito nessa atividade, optando por participar ativamente.

De forma geral, o ato de participar traz muitos impactos tanto no indivíduo que participa quanto no entorno do espaço de participação. No que concerne ao nível de consciência, Góis (2005) após pesquisar trabalhadores rurais do interior do Ceará, descobriu que o que irá contribuir para o processo de conscientização não é o tipo de atividade comunitária de que o sujeito faz parte. O que de fato promove o aprofundamento da consciência é o papel que o morador exerce nessa atividade comunitária e o seu modo de participar. O avançar da consciência significa ter maior capacidade reflexiva diante do mundo que nos rodeia, permitindo-os fazer análises mais profundas sobre as relações que forjam essa realidade, bem como que forças estão implicadas nesse processo e como podem interferir e dar um novo rumo a elas.

Vieira (2008), em seu estudo sobre os Modos de Participação Social e Conscientização, concluiu que o modo de participar mais ativo contribui para a construção de um sujeito comunitário. O indivíduo participante desse estudo atuava em diversas atividades comunitárias e estava implicado nelas, exercendo posição de liderança. O resultado dessa citada pesquisa nos dá suporte para continuarmos afirmando a participação como um caminho possível e fundamental para a construção de uma nova realidade.

Participar implica estar em grupo, convivendo. Essa convivência pode se dar de diversas maneiras. Tanto no sentido de hostilizar os demais, como no sentido de se vincular. No entanto, se falamos da participação em uma atividade comunitária, estamos falando provavelmente de sujeitos que optaram por essa participação, pois viram em seu objetivo algo que condizia com suas necessidades. Ou ainda, falamos de participantes que propõem e dão origem a novas atividades, de forma que, de um jeito, ou de outro, estão implicados subjetivamente nessas ações.

Mesmo que no início haja ainda uma lógica individualista, o que se imagina é que, na medida em que a atividade aconteça, os moradores possam identificar uns nos outros companheiros de luta, que compartilham de um mesmo modo de vida e que desejam para si e para os demais as mesmas melhorias. Acreditamos que esse processo de identificação dá abertura para

um processo maior de construção de laços afetivos. Esses laços tiram os indivíduos de suas condições isoladas de opressão e desamparo e se estreitam para gerar verdadeiros vínculos de amizade e solidariedade.

Dona Ana conta que ela e Dona Margarida sempre tentam convidar outras mulheres para frequentar o grupo, em especial sua vizinha: “[...]a gente chama, o pessoal não vai, quem a gente chama por aqui, mas a gente adula essa mulher aí, essa vizinha, pede ela pra ir !Eu vou, eu vou!”, na hora de ir a gente morre de chamar, a mulher não fala, fica escondida, ela não fala de jeito nenhum (R.38, L 467-470). Nessa atitude percebemos que há uma preocupação genuína com outras pessoas por parte das participantes do grupo, o que consideramos um potencial para a construção de vínculos de amizade e solidariedade na comunidade.

Os espaços de participação e de mobilização podem ainda contribuir para a criação de um clima favorável à expressão do valor pessoal e do poder pessoal de cada participante (GÓIS, 2008). Segundo o autor, o valor pessoal é potencializado quando o indivíduo entra em contato com seu núcleo de vida, fazendo com ele passe a sentir-se capaz de viver, ter auto-estima, trabalhar e construir sua história. O poder pessoal dá ao sujeito a capacidade de implicar na construção de relações mais saudáveis com outras pessoas e com o meio.

A identidade saudável e cidadã se expressa através do valor pessoal e do poder pessoal. Dona Ana descreve como se sente a partir de sua participação no grupo Paz e Amor: “*Eu sinto mudança sim. Em mim, eu antes, eu ser tímida, não andar conversando, nem falando e agora eu chego, falo com todo mundo[...]*”(R.7 L 50-51). Ela parece se sentir mais livre para se expressar, de forma que pode se afirmar diante das outras pessoas, sem as travas da timidez, mostrando-se com liberdade.

Logo, a participação ocupa lugar central da transformação social. Ela possibilita a construção de uma nova forma de ler o mundo e agir sobre ele, mediante processos de conscientização. Além disso, permite a criação de novas formas de relacionamento entre os moradores da comunidade, trazendo a afetividade para o cotidiano das interações, favorecendo atitudes de gentileza, compaixão e respeito, fundando a possibilidade de uma nova vida comunitária.

4.2 O grupo popular como lócus de participação

A transformação positiva da realidade acontece na medida em que as pessoas se agrupam, saindo de uma postura individualista e encontrando no outro apoio, solidariedade e cooperação. Os grupos são, portanto, esses espaços em que se forjam relações afetivas, possibilitando diálogo, vivência, comunicação e interação, e criando a partir disso uma atuação da comunidade voltada

para a organização e a participação popular. O grupo exerce função histórica que pode ir no sentido de manter as relações sociais como estão, ou transformá-las (PINHO, 2010).

Com já vimos anteriormente, a participação acontece no cerne de algum grupo social. Não se participa só, isolado, sem motivação ou objetivo. A atividade comunitária, como espaço de participação no contexto comunitário, traz esse suporte do convívio em grupo, da articulação e da comunicação entre os moradores de um lugar. Os grupos decorrentes das atividades comunitárias formam o terreno fértil para o plantio e o desabrochar de sujeitos comunitários⁸.

Os grupos sociais encerram em si grandes potencialidades. Encontramos neles espaços que, segundo Góis (2008) geram encontro, permitindo aos seus participantes estarem em relação, interagindo, se desenvolvendo. A situação de grupo possibilita a tecitura de relações estáveis, e nutritivas, baseadas na confiança, na identificação mútua e na expressão dos potenciais individuais e coletivos. Dona Ana fala dos laços de amizade construídos no grupo Paz e Amor: “[...] eu fiz amizades, né. Pessoas que eu não conhecia, fiz amizade com elas e eu acho muito bom ta lá!(R-4, L 26-29).

Há na relação participação/grupo uma indissociabilidade dialética: o grupo em si tem seus potenciais, que são desfrutados e fortalecidos por aqueles que participam dele, ao mesmo tempo, a participação tem potencialidades que só se desenvolvem em um contexto grupal de interação e contato. Quem participa tem a possibilidade de construir seu próprio grupo, sua comunidade, seu contexto histórico-social, encontrando nesse movimento sua própria forma de agir no mundo, descobrindo os sentimentos envolvidos na (re)criação e reconhecendo-se como sujeito de sua história.

O grupo popular é constituído por moradores de uma comunidade. A expressão dos significados e dos sentimentos coletivos e individuais se dá de forma mais próxima, já que todos os participantes partilham do mesmo modo de vida daquele lugar. Essas características conferem ao grupo popular um aspecto propício para a participação, pois cada indivíduo poderá reconhecer na história do outro a sua própria história, fazendo diminuir a distância que existe entre casas, que na maioria das vezes, são mais divididas pelo individualismo do que pelos muros. Sobre o processo de um grupo popular, Góis (2008, p.187) diz:

O processo interno do grupo diz respeito aos componentes de organização e desenvolvimento dos participantes e do próprio grupo. Implica em sustentação e apoio socioemocional, a superação de crises e outros problemas existenciais, o fortalecimento de interações psicológicas

⁸ Por sujeitos comunitários entendemos os moradores da comunidade que conhecem seu modo de vida, atuam, transformando-o e sendo transformado por ele. Têm consciência das condições que o cercam e da sua capacidade de transformá-las (GÓIS, 2005).

nutritivas, a comunicação aberta, o compromisso e a responsabilidade com as decisões e ações do grupo, a participação efetiva e a formação de uma individualidade saudável e crítica.

O processo de um grupo popular pode, então, ser visto sob a perspectiva das potencialidades que ajuda a desenvolver, como individualidades saudáveis e críticas, fortalecimento de relações nutritivas; e das demandas sociais que ajuda a suprir, como o apoio socioemocional, a superação de crises. O grupo popular, dessa forma, tem muito a contribuir tanto no sentido de fortalecer o potencial de uma comunidade, como no sentido de resolver problemas. É um importante de espaço de geração de vida e de transformação da realidade.

Nos pequenos espaços grupais é que as grandes mudanças sociais são semeadas e geradas, pois a coragem para a realização de ações coletivas, sociais e culturais é estimulada. Em um pequeno grupo o indivíduo tem a possibilidade de descobrir toda a grandeza do seu potencial de vida, de seu valor pessoal e de seu poder pessoal. Ele pode se expressar, afirmando-se em sua singularidade, ao mesmo tempo em que percebe, aceita e valoriza a expressão do outro. Eis aí a fonte de uma ética de ajuda mútua e solidariedade (PINHO, 2010). *É muito bom porque ali... eu era uma pessoa muito tímida, calada, e aí me abriu!* (R.4, L 26-27. A partir do momento que se abre ao contato com o grupo, Dona Ana descobre a possibilidade de se expressar, deixando de ser tímida e calada.

Ao falarmos das potencialidades inerentes aos pequenos grupos, se faz necessário que apontemos algumas de suas limitações, de forma a não cairmos numa análise superficial ou por demais otimista desse espaço tão importante na dinâmica comunitária. Os pequenos grupos se apresentam como um microcosmos do que acontece em âmbito macro de uma sociedade. Ou seja, uma sociedade como a nossa, marcada por valores como a competição exarcebada, o individualismo, o egoísmo e, ainda, por relações baseadas principalmente na lógica opressor-oprimido tende a se projetar dessa mesma maneira nos pequenos grupos. A vantagem nos pequenos grupos é que essas as contradições ou conflitos são mais facilmente visíveis e, portanto, mais facilmente apontados e modificados.

Então, entre limitações e potencialidades inerentes a um grupo popular, buscaremos a seguir explicar aspectos particulares do grupo Paz e Amor, onde Dona Ana pela primeira vez se propôs a participar. Buscaremos também compreender como se dá a relação participação-grupo-expressão da afetividade, a partir da história de Dona Ana no grupo Paz e Amor.

4.3 A experiência de participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor

O início da participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor pode ser visto como um momento de encontro de três grandes potencialidades: as potencialidades que jazem no próprio processo participativo, por ser uma atividade consciente e orientadora; o potencial de um grupo popular de promover encontro, troca, apoio e cooperação entre as participantes; e o potencial de vida de Dona Ana. Focaremos-nos aqui em analisar principalmente como esses potenciais se encontraram e se relacionaram para proporcionar a expressão da afetividade de nossa protagonista.

Dona Ana chega ao grupo Paz e Amor a partir de convites feitos por Dona Rosa, participante mais antiga do grupo, e de visitas que recebeu das alunas integrantes do NUCOM, juntamente com uma moradora do Bom Jardim, integrante do MSMCBJ. *“Eu cheguei no grupo Paz e Amor através da D. Rosa, ela me chamava muito pra mim ir, mas eu, nunca eu ia, aí um dia a Fabiana [voluntária do MSMCBJ] chegou aqui com a D. Rosa me chamando pra mim ir com outras meninas [integrantes do NUCOM]. Ai eu fui” (R.1, L 11-14).*

O grupo que encontrou tinha características diferentes do antigo grupo de Auto-Estima. A inserção no NUCOM no processo de facilitação desse grupo trouxe consigo as bases teórico-metodológicas da Psicologia Comunitária e da Saúde Comunitária. A Psicologia Comunitária estudada e praticada pelo NUCOM pode ser definida como uma área da Psicologia Social da Libertação que compreende a atividade comunitária como atividade social significativa, própria do modo de vida da comunidade e que contempla seu sistema de significados e relações. Seu objetivo é a construção do sujeito da comunidade, a partir do aprofundamento da consciência dos moradores (GÓIS, 2005). Seus marcos teórico-metodológicos são: Teoria Histórico-Cultural da Mente (VIGOTSKI, LURIA, LEONTIEV), Pedagogia da Libertação (FREIRE), Biodança (TORO), Teoria Rogeriana (ROGERS) e Psicologia da Libertação (MARTIN-BARÓ).

A Psicologia Comunitária tem como método a análise e vivência da comunidade (GÓIS, 2008). Este método possibilita ao psicólogo comunitário e ao estudante extensionista um conhecimento reflexivo e, ao mesmo tempo, afetivo daquele modo de vida no qual está se inserindo. Baseadas nesse método é que as integrantes do NUCOM fizeram visitas domiciliares às moradoras da comunidade do Santo Amaro. As visitas permitiram uma inserção na vida comunitária daquele lugar, assim como deu início a um processo de vinculação afetiva entre facilitadoras e participantes do grupo. *“ [...] eu vi as meninas tudo aqui, aí pronto, aí deu vontade de ir, que eu vi as pessoas tão legal, né?! (R.39, L 473-474).*

Então, tendo esse referencial como base, o grupo Paz e Amor ganhou novas configurações. Além de moradoras com uma auto-estima fortalecida, o grupo passa a ter como horizonte a facilitação da construção de sujeitos da comunidade, conscientes do modo de vida que

compartilham entre si e com os demais moradores, atuantes, fortalecidas em seu valor pessoal e poder pessoal, com condições de lutar por melhorias de vida para si e para a comunidade do Santo Amaro.

Dona Ana encontra um grupo também baseado nos referenciais da Saúde Comunitária, que Góis (2008) apresenta como uma abordagem de saúde que se referencia, sobretudo, na própria vida. A saúde está enredada numa trama maior que envolve todos os seres vivos e o ambiente natural e cultural. Essa rede considera a potência, a experiência popular acumulada e toda sua história de sofrimento e de luta. A Saúde Comunitária é conceituada por Góis (2008, p.104) como

[...]uma concepção de saúde e um conjunto de atividades voltadas para facilitar/favorecer processos relativos mais à saúde que à enfermidade, mais à prevenção e promoção que à enfermidade. Propõe-se como alternativa crítica aos serviços tradicionais e envolve todas as atividades realizadas na e com a comunidade em nome da saúde dos moradores.

O foco do trabalho em Saúde Comunitária está em prevenir enfermidades e promover saúde. Para isso, suas atividades têm como base uma prática pedagógica/terapêutica que se realiza através dos grupos de profissionais das políticas públicas e dos grupos populares. O espaço grupal tem como benefício a interação positiva e cooperação entre seus membros.

Dona Ana passa então a participar de um Círculo de Encontro (GÓIS, 2003). O Círculo de Encontro nos deu a possibilidade de atuarmos na comunidade do Santo Amaro de forma coerente com o objetivo da Psicologia Comunitária que, por sua vez, estava em pleno acordo com a proposta da Saúde Comunitária.

Essa metodologia foi criada pelo referido autor em 1982, que concatenou nessa proposta as idéias de Paulo Freire, Carl Rogers e Rolando Toro. Unindo aspectos fundamentais de cada uma dessas propostas teórico-práticas. Essa metodologia potencializa o espaço grupal na medida em que uma reunião pode ser transformada em um espaço reflexivo e dialógico, possibilitando o trânsito da consciência, e, ao mesmo tempo, em um momento de encontro, troca, apoio emocional e vinculação afetiva.

Partindo do próprio nome “Círculo de Encontro”, podemos perceber como cada autor trazido por Góis (1994) contribui na construção dessa metodologia. O “Círculo” vem da proposta de Paulo Freire do Círculo de Cultura. O Círculo de Cultura (FREIRE, 1979) foi criado com o objetivo de promover a reflexão e participação dos adultos envolvidos no processo de alfabetização. No entanto, logo essa metodologia passou a ser empregada em outros tipos de ação popular que também buscassem esse caráter reflexivo e transformador da realidade. No Círculo de

Cultura, os participantes se dispõem em círculo, de modo que todos podem se ver e nenhum ocupa lugar privilegiado. Nessas condições, acontece o diálogo, a partir do que cada um traz o que pensa, o que sabe, ou não sabe, já que todos são dotados de um conhecimento acerca da realidade que podem trocar, complementar, formando um novo conhecimento.

A palavra “Encontro” nos remete à Teoria Rogeriana, de abordagem humanista, que considera a capacidade do indivíduo de autoatualizar-se, agindo cada vez mais com autenticidade e congruência frente à vida. Uma pessoa congruente e autêntica encontra-se de fato com outras pessoas, pois seu Eu atinge uma nova forma de fluidez, dando-lhe a capacidade de agir de maneira empática, que a permite aceitar incondicionalmente os outros, sem julgá-los ou impor-lhes suas vontades (ROGERS, 1975).

O “Encontro” também suas bases na teoria da Biodança. Toro (1991, p.26) compreende a Biodança como “poética do encontro, uma nova sensibilidade frente à existência”. Partindo desse aporte teórico-vivencial, o encontro ganha uma dimensão mais ampla, transcendendo as relações apenas humanas para vincular homens, natureza e o todo. Encontrar-se significa estar em contato sensível e profundo, percebendo o outro, o valorizando e desfrutando com ele o prazer de se estar vivo.

Tanto o diálogo como o encontro facilitaram a postura participativa de Dona Ana e das moradoras que compuseram o círculo de encontro. Nesse clima de abertura e confiança mútua, as participantes puderam compreender empaticamente a situação da outra, ajudando-as, compartilhando suas dores, suas angústias e encontrando nesse grupo um apoio socioemocional. Dona Ana relata os motivos que a fizeram decidir freqüentar o grupo semanalmente: “*Mas a senhora encontrou alguma coisa no grupo que fez decidir “Não, vou ficar aqui, vou participar!?! Ah sim...a alegria, né, de todos, né?” (P.4, R.4, L26-29)*. A alegria então foi o diferencial, o principal motivo que a fez optar por se tornar participante assídua do grupo Paz e Amor. Como já observamos quando ela narra sua história de vida, a alegria não foi um sentimento experimentado com muita freqüência, pois sempre esteve submetida a situações de exploração, agressão e sofrimento.

Em síntese, o círculo de encontro contempla a base racional e reflexiva da participação, quando promove o diálogo que problematiza, que trata das questões sociais da vida comunitária, que traz e leva informações. E contempla também a dimensão afetiva quando facilita a criação dos laços através da expressão da afetividade, trazendo a expressão do corpo e o compartilhar de expectativas e de sonhos. “*Aquilo ali é uma coisa que eu me sinto bem ‘tando’ lá tudo junto, tudo ali dançando e brincando, aí eu gosto. E também de você, né, que faz aquele exercício assim...[alongando os braços] (risos)” (R.5, L 34-35)*.

No grupo Paz e Amor, os encontros tiveram como ponto de partida um sentimento de comunidade partilhado pelas moradoras do lugar, além disso, parte-se também da identificação que ocorre devido ao fato das mulheres partilharem de histórias de vida que parecidas. Por exemplo, assim como Dona Ana, quase todas as outras participantes têm suas origens no interior do Ceará, chegando à comunidade do Santo Amaro quando essa ainda era bastante isolada e com condições de vida ainda precárias, fazendo com que vivessem inúmeras dificuldades para se estabelecerem naquele local, para cuidar de suas famílias.

Dona Ana então se identifica e se diferencia das outras participantes. Ao mesmo tempo em que cria laços de amizade, também não aprova algumas práticas de outras participantes.

Com as outras mulheres...eu gosto de todas, né, mas a Margarida gosta muito de brincar umas brincadeira com a D. Lis, aí eu acho que tá entrando assim numa falta de respeito, assim, com ela, né, e eu não gosto daquelas brincadeiras. Chega até a afobar ela, vê ela dizendo: "Deixe de brincadeira!". Eu noto que ela quer ficar com raiva, mas ao mesmo tempo a cara muda. Mas o resto, 'tudim' eu gosto.(R.6, L 41-45)

Ela também se sente parte do grupo e demonstra a sua importância através do compromisso e da assiduidade. *"Hoje eu me sinto parte do grupo! Gosto de lá, só perco de ir quando não dá mesmo pra mim ir, aí eu não vou né? Mas aí quando dá pra mim ir eu vou, né, e acho bom ta lá"* (R.5, L32-33). O cuidado que tem com o grupo se expressa através de atitude práticas, como o lanche que oferece, por exemplo. Esse fato está congruente com o que antes observamos, quando Dona Ana relata como costuma demonstrar seus sentimentos positivos. *"[...]no dia do Auto-Estima, eu não gosto de faltar de jeito nenhum, e também gosto de ir e levar alguma coisa"* (L R.37, 446-447).

[...]a Margarida é mais certa de levar as coisas, mas nós tem raiva de quem tem condição de ir e levar e não leva, D. Joana é aposentada, tem o marido que é bom pra ela, tem as coisa dentro de casa, tudo, mas se fosse outra, levava um bolo, um refrigerante, a Joana gosta de levar um pacote de bolacha, mas eu gosto assim uma coisa mais delicada pra dar, uma coisa assim, agradar.

P38- É como se elas não estivessem tendo tanto cuidado assim com o grupo...

É, eu gosto da dona Lis, ela leva bolachinha, um cafezinho, quando não é, é D. Rosa, que não deixa faltar, só não leva quando não dá mesmo. Aí eu não gosto de levar café não, prefiro assim um suco, um refrigerante, também não gosto de levar bolacha não, eu acho bolacha uma coisa assim tão...é bom assim, um bolo, mais delicado né, bolacha assim seca...Quem compra bolacha 'intera' e compra um bolinho, né? (R. 37, R-38, L 449-459)

Segundo Dona Ana, os lanches que as participantes levam e a assiduidade delas também revelam o grau de compromisso que elas têm com o grupo. No trecho abaixo, ela reproduz uma conversa que exemplifica como percebe o compromisso e o cuidado das outras participantes para com o grupo:

“Joana, tu vai?” , “Vou!” , “Mulher, tu diz da boca pra fora...diz de coração”, as meninas vem de longe, chega aqui e só... “Eu vou.”, “Pois pronto, pois vá, tu vai levar o quê?”, “Num vou levar nada não!”, ali parece forçado né, eu não gosto de nada forçado, a pessoa vai leva uma coisa de coração, eu acho assim, tão mais bonito, né, uma coisa assim mais sincera (R. 38, L 463-470).

No grupo Paz e Amor, Dona Ana deparou-se com um lugar de encontro e de participação. Embora fosse um grupo pequeno em número de participantes, não desconsideramos seu potencial, nem sua capacidade de transformação, pois, como diz Montero (2006, p.172);

Un trabajo participativo está hecho de muchos hombres e mujeres con mayor o menor grado de intererés en la transformación positiva de la comunidad con la cual se relacionan. Y ninguna acción es pequena o secundaria. Todos forman parte de un proceso mayor de cambio social que incide en la calidade de vida[...]

Segundo Demo (1986, p.134), “[...] do ponto de vista participativo, os parâmetros fundamentais não são número, quantidade, produto, acumulação, mas legitimidade, representatividade, democracia, autopromoção etc.”

Dona Ana, ao longo de mais de um ano de participação no grupo, realizou junto com as outras participantes diversas atividades artísticas como desenhos, colagens, pinturas, dramatizações, danças individuais, danças de roda, e alguns exercícios de Biodança. Essas atividades se pautavam na arte-identidade, que Góis (2008, p. 217) define como uma “abordagem expressivo evolutiva (pedagógica e terapêutica), que parte da arte em sua função mediadora da relação indivíduo-mundo, para facilitar a expressão do potencial de vida[...]”. A arte-identidade permitiu às participantes se expressarem de forma livre, criativa e afetuosa, além de contribuir no processo reflexivo, pois deu a cada participante o poder de recriar a realidade a partir de sua percepção, fazendo-a pensar sobre o que existe e como pode transformar.

Pinho (2010), a partir de um estudo sobre a arte como método de facilitação de grupos populares, concluiu que as vivências deflagradas a partir da arte tiveram papel fundamental para a expressão dos potenciais de vida de mulheres moradoras de uma comunidade marcada por uma situação de opressão, violência e repressão. As atividades artísticas encerram em si a possibilidade de integrar à dimensão psicológica alguns elementos socioculturais, que ampliam as implicações

terapêuticas, pedagógicas, políticas e religiosas da participação em um grupo popular (PINHO, 2010). Dona Ana relata como se sente durante a realização das atividades propostas no grupo:

Eu vou dizer...eu não me sinto muito bem porque não sei desenhar bonito, eu sei se o que tô fazendo não tá prestando,né, eu não tive educação... fico preocupada que o do outro tá mais bonito. De dançar eu gosto, gosto muito também daquele exercício lá [alongamento]... Mas eu gosto, eu gosto ‘dos desenho’, acho bonito. Só não gosto do meu porque não sei fazer (risos).(R.8, L 49-52)

“[...]gostei muito daquela que a gente tira o desenho do pensamento, a gente viaja longe, né, vai lá no interior, ‘desenha os lugar’, as pessoas, parece que a gente tá vendo tudo de novo. Eu achei bom. (R.9, L 55-57)”. A fala de Dona Ana traz um caráter ambíguo: ela gosta e não gosta das atividades que realiza. O não gostar parece estar mais relacionado às atividades em que algumas competências cognitivas e reflexivas são exigidas. Ela fala que não teve educação, remetendo-se ao fato de não ter estudado. Ao mesmo tempo, gosta dos desenhos que são feitos a partir de propostas em que as histórias de vida são resgatadas. Gosta também da dança, dos exercícios corporais e dos trabalhos feitos pelas outras participantes, os acha bonito, os valoriza.

Todas as atividades propostas buscam proporcionar vivências que facilitam tanto o processo de reflexão, quanto a expressão do potencial afetivo das participantes. Pinho (2009) revela a vivência como um método de facilitação de grupos populares capaz de integrar a base afetiva no processo de libertação, oferecendo uma nova perspectiva ético-política de relacionamento consigo mesmo, com o outro e com a vida.

Sobre este alicerce, buscamos contribuir para a transformação da comunidade do Santo Amaro, através da facilitação de processos humanos de conscientização. Essa conscientização que vislumbramos tem suas bases nas obras de Paulo Freire e Martin-Baró. Ela pode ser vista como parte de um processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que se dá a partir das mediações provenientes de atividades significativas e implica em mudanças na forma como as pessoas lidam com o mundo e com os outros. (XIMENES;VIEIRA, 2008). Ou seja, é uma transformação subjetiva que traz fortes impactos na realidade objetiva.

Buscando compreender alguns aspectos referentes ao processo de conscientização de Dona Ana a partir de sua participação, perguntei-lhe sobre o que havia aprendido no grupo durante as atividades realizadas, ao que ela respondeu : “*Eu aprendi...aprendi a me abrir com as pessoas*” (R.15, L-90). Parece que o que lhe foi significativo enquanto aprendizado se refere à possibilidade de estar aberta ao contato com outras pessoas. Ela, em nenhum momento da entrevista, remeteu-se às discussões realizadas nas reuniões do grupo que tinham como objetivo integrar e aprofundar assuntos pertinentes à vida comunitária e às histórias das participantes. Este fato parece indicar que

as implicações do grupo Paz e Amor na história de Dona Ana estão mais voltadas à expressão da afetividade do que à conscientização.

Nos trechos abaixo Dona Ana descreve algumas mudanças que percebe em si a partir de sua participação no grupo Paz e Amor. No âmbito das mudanças pessoais, Dona Ana diz:

[...]É muito bom porque ali... eu era uma pessoa muito tímida, calada, e aí me abriu”! (L 26-27). R-7-Eu sinto mudança sim. Em mim, eu antes, eu ser tímida, não andar conversando, nem falando e agora eu chego, falo com todo mundo “Bom dia! Boa tarde, né!”, abraço ‘tudim’, A minha mudança foi essa(R.4, L 50-52).

[...]

Eu aprendi...aprendi a me abrir com as pessoas. Oh, me sinto tão bem lá que quando chego na rua, né, tem aquelas pessoas que não sabe o que é [o grupo]. A gente chama, mas elas ‘diz’ que não quer falar os segredos, não quer se abrir, mas não é assim, a gente queria que elas ‘fosse’ (R.15, L 90-94.)

No trecho acima, podemos perceber também que Dona Ana mostra o desejo de compartilhar o espaço do grupo e as experiências que vivencia lá, mostrando uma abertura e uma preocupação com outras moradoras do Santo Amaro.

Além disso, ela relata os vínculos de amizade que foram construídos a partir de sua participação no grupo Paz e Amor: “[...]Agora que eu falo, converso, brinco com elas, e eu fiz amizades, né. Pessoas que eu não conhecia fiz amizade com elas e eu acho muito bom ta lá!(R.4, L 26-29)

Fora do grupo também, quando me encontro com elas, com quem me encontrar é uma alegria danada, D. Lis, aquela D. Lis também é muito legal, aonde ela ta, eu encontro muito com ela na igreja, a gente se fala, conversa, né, a gente vê é uma alegria danada, tanto ela como eu. A gente é amiga de lá...(R.7, L 55-58)

A amizade, assim como o amor, são sentimentos capazes de fundar novas relações entre os seres humanos. Esses dois sentimentos são incompatíveis com uma lógica de servidão e constituem uma via fundamental para a libertação, que só é possível mediante a criação de relações que desafiem a lógica individualista e competitiva que hoje perpassa todos os âmbitos da vida social. Como diz Brandão (1999, p. 118):

Construir relações pautadas no amor e na amizade entre os sujeitos comunitários é o mesmo que construir a esperança de um mundo solidário no futuro e significa, ainda, a possibilidade de realizar a tarefa da psicologia na sua forma mais radical: ajudar a recuperar a fé que o homem precisa ter nele mesmo para que qualquer transformação possa de fato ocorrer.

Dona Ana nos conta também da recuperação dos vínculos familiares que foram rompidos há um algum tempo:

Eu me sinto, com minha família mesmo. Eu... fazia muito tempo que eu não viajava, né, e minha mãe, fazia uns 2 anos que eu não via ela. E aquilo ali também, procurar a família, ser amigo, viajei, né, semana passada eu viajei, fui pra lá...Fui rever 'tudim', né, a família toda. Pra mim isso foi uma mudança. Tava com muito tempo que eu não ia né,...aí eu comecei a sentir falta, e aqui eu via que eu trato tudo muito bem, 'tudim', aí eu pensei na minha [família] longe, aí eu fui. Provavelmente no mês de julho eu vou dar outra voltinha por lá...(R. 12, L 72-82)

Ela associa essa busca por rever a família às mudanças que teve a partir do grupo: [...-ali me tocou, né, ter mais amizade, ter as pessoas perto de mim. Tive vontade de ir lá...se pudesse eu ia todo mês, mas não posso, né. Se desse também ela [a mãe] vinha, mas já tá velhinha, mais de oitenta anos (R.14, L 80-86)

Dona Ana se refere também aos vínculos afetivos construídos conosco, facilitadoras do grupo: *Eu gosto muito de vocês, sinto saudade quando não vem mais, daquela pessoa, mas aquilo ali fica em lembrança, não esqueço não, daquelas pessoa que entrou, a Fabiana, gosto muito da Fabiana...(R. 38, L 460-462). Eu gosto muito de ti também, vai fazer falta, né, mas fazer o que, cada um tem que seguir seu caminho...(R. 3 ,L 474-475)*

Portanto, percebemos que o encontro anteriormente citado entre as potencialidades do processo participativo, do grupo Paz e Amor e de Dona Ana trouxe algumas mudanças positivas no que se refere à expressão da afetividade dessa mulher. Tomando por base sua própria história de vida e os fatos que ela vivenciou, compreendemos que o grupo possibilitou a ela uma nova percepção de si, pois se considera menos tímida, capaz de falar, cumprimentar e abraçar suas companheiras de grupo. Além disso, criou vínculos de amizade com elas que vão além do espaço grupal e que lhe trazem a sensação de alegria ao encontrá-las em outros espaços de convivência comunitária. Ainda, no que concerne à vinculação afetiva, o grupo a ajudou a restabelecer os laços afetivos com sua família. Voltar à cidade natal e rever os familiares foi considerado por ela um fato significativo e possível a partir da das vivências que lhe tocaram durante sua participação no grupo Paz e Amor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao final desse trabalho com a sensação de que apenas encontrei uma porta de entrada, um caminho que se mostra como possibilidade real para a construção de uma nova realidade, mas que ainda tem muito para ser percorrido. Visualizando todo o processo de construção, o percebo mais como um ensaio, como uma primeira tentativa de ver a realidade com um olhar científico. E como todo ensaio, foi perpassado por erros, acertos, (re-)descobertas e, ao fim, a sensação dúbia de fechamento e abertura de ciclos. Um trabalho que se encerra, mas que me traz tantas percepções novas, aprendizados e as tão estimadas dúvidas, que me lançam aos novos desafios e às novas descobertas.

Alguns percalços surgiram ao longo dessa caminhada. Deparei-me diversas vezes com o medo de criar, e com o medo de apenas repetir o que já foi dito. O medo de criar algumas vezes tornou o trabalho mais cansativo, mais difícil, o que se unia aos prazos limitados e acabava ofuscando o brilho que existe em descobrir-se pesquisadora. No entanto, entre as limitações, busquei descobrir minha própria forma de abordar os temas da afetividade e da participação, baseando-me em referenciais que se afinavam com minhas outras percepções acerca do homem e do mundo. Considero que os referenciais teóricos trazidos nesse trabalho contemplaram os objetivos aos quais me propus ao pensar essa pesquisa. Reafirmo também a contribuição do saber popular e de outros saberes diferentes, mas não menos importantes, que me ajudaram a construir essa monografia.

A prévia inserção no grupo Paz e Amor enquanto facilitadora de fato contribui para a realização desse trabalho, pois permitiu um contato mais próximo com Dona Ana, que me concedeu informações valiosas que trouxeram uma riqueza de detalhes fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa. Tive também apoio do NUCOM, que me concedeu desde os materiais necessários até o apoio emocional de que precisei.

Inicialmente, tive como objetivo compreender a relação existente entre a participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor e a expressão de sua afetividade, buscando perceber se o processo participativo impactou na forma como ela se expressa afetivamente.

Para contemplar esse objetivo, busquei, primeiramente, compreender como Dona Ana vivenciou a afetividade ao longo de sua vida. Essa busca me levou a mergulhar em sua história de vida, onde encontrei conceitos que antes me pareciam abstratos de forma muito concreta. A repressão e a opressão deixaram de ocupar apenas espaços nos textos críticos e ganharam o corpo, o rosto e os gestos de Dona Ana.

Pude perceber claramente a existência de muitas marcas advinda das diversas situações de exploração, repressão e agressão que sofrera. No entanto, deparei-me também com um potencial afetivo bastante vivo e pulsante que a permitiu expressar muitos sentimentos positivos e estabelecer vínculos afetivos. Estes vínculos, por sua vez, fizeram com que mais sentimentos positivos surgissem e fossem demonstrados, o que nos leva a perceber que a expressão da afetividade impulsiona um movimento que se amplia em quantidade e qualidade. A valorização pessoal também está relacionada ao processo de expressão da afetividade. Quanto mais D. Ana se sentiu valorizada, mais foi capaz de estabelecer vínculos afetivos e ter sentimentos positivos em relação às pessoas que a consideraram.

No entanto, Dona Ana também apresenta algumas limitações para expressar seus sentimentos verbal ou corporalmente, o que nos leva a afirmar que ela ainda não vivencia uma integração afetiva entre emoções, sentimentos, gestos e atitudes.

O processo de participação de Dona Ana foi descrito, ao mesmo tempo em que articulei aspectos teóricos que fundamentam os encontros do grupo Paz e Amor. A partir dessa articulação, compreendo que o espaço do grupo parece ter implicado em algumas mudanças positivas na expressão desse potencial afetivo. Ele proporcionou momentos de alegria, diversão, abertura ao contato e identificação com outras participantes, o que, por sua vez, possibilitou a criação de vínculos de amizade com as outras mulheres e o restabelecimento de vínculos afetivos com sua família, que desde muito cedo em sua história de vida, foram rompidos.

A participação de Dona Ana no grupo Paz e Amor se caracteriza mais como um processo de microparticipação (BORDENAVE, 1983), ou seja, há motivação pessoal e coletiva para a participação, mas que ainda não percebe o ato de participar como um ato que pode realizar transformações sociais. Notamos uma postura de compromisso e preocupação com as demais participantes e com outras mulheres da comunidade que poderiam participar do grupo, mas não temos subsídios para afirmar que haja realmente um compromisso ético, baseado em uma consciência reflexivo-afetiva profunda. Talvez estejamos frente a outro potencial a ser desenvolvido.

As mudanças a partir da participação no grupo ficaram muito claras nas falas de Dona Ana, mas considero que a presente pesquisa não conseguiu contemplar os pormenores desse processo, visto que não nos aprofundamos na compreensão das metodologias utilizadas nas reuniões do grupo. Embora tivéssemos clara a idéia do enorme potencial das atividades que propomos, não foi possível, dentro dos limites desse trabalho, compreender como cada uma delas influenciou as mudanças relatadas por Dona Ana.

O grupo Paz e Amor foi muitas vezes citado ao longo desse trabalho como um espaço que tem como objetivo a construção de sujeitos comunitários a partir de um aprofundamento da consciência reflexivo-afetiva. Nossa investigação seguiu focando o aspecto afetivo dessa participação, o que fez surgir um novo questionamento: o grupo Paz e Amor traz implicações no processo de conscientização de suas participantes?

Acredito que, até o presente momento, a Psicologia Comunitária avança e inova sua forma de perceber e intervir na realidade. A conscientização e a expressão da afetividade parecem compor um só caminho para a libertação dos povos oprimidos. Futuras pesquisas poderiam buscar compreender como se dá a relação entre esses dois processos, que são distintos, mas se relacionam intrinsecamente, já que emoções, sentimentos e consciência não estão separados no ser humano.

Por fim, entrar em contato com uma história de vida tão sofrida, e que representa tantas outras do nosso nordeste, me fez desconstruir muitos valores e repensar minha futura atuação enquanto psicóloga. Constatei mais fortemente a necessidade de cada vez mais estarmos inseridos na realidade e vinculados com as pessoas com quem realizamos nossos trabalhos, pois elas trazem em si a verdadeira capacidade de transformar a opressão, a competição e a violência em cooperação e solidariedade, reconstruindo a realidade social a partir de relações éticas e amorosas entre si, com a natureza e o Todo.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. A. **A Inversão das Vozes**: Narrativas sobre o Grande Bom Jardim. Fortaleza, 2007.

AMMANN, Safira Bezerra. **Participação social**. 2. ed. rev e ampl. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER Martin; JOVCHELOVITCH, Sandra, **A Entrevista Narrativa**. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOMFIM, Zulmira A. **Cidade e afetividade**: Estima e Construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. São Paulo. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), 2003.

BORDENAVE, Juan E. D. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOWLBY, John. **Formação e Rompimento dos laços afetivos**. São Paulo; Martins Fontes, 1982.

BRANDÃO, Israel. Amor e amizade nos jardins da psicologia comunitária: uma contribuição da filosofia política ao trabalho psicológico. In: BONFIM, Zulmira A. C. & BRANDÃO, Israel (org). **Nos jardins da psicologia comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 200.

_____. **Afetividade e participação na metrópole**: uma reflexão com dirigentes de ONGs da cidade de Fortaleza. Tese de doutorado em psicologia social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

CÂMARA, C. M. F. **Sentimento de Afetividade sob o prisma de três olhares**. Bacharelado em Psicologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2006, 67pp.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. 2. ed. São Paulo, SP: Moderna, 2006.

DALLA VECCHIA, Agostinho M. **A educação integrada à vida**: analética e visão biocêntrica: distinções e convergências. Pelotas: Edição Independente, 2002

DAMÁSIO, Antonio R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

_____. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **Participação é conquista:** noções de política social participativa. Fortaleza: EUFC, 1986

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIUSTINA, Osvaldo Della. **Participação & solidariedade:** a revolução do terceiro milênio II . Tubarão: Unisul, 2004.

GÔIS, Cezar Wagner de Lima. **Noções de Psicologia Comunitária.** 2 ed. Fortaleza: Editora Viver, 1993.

_____. **Vivência e identidade:** uma visão biocêntrica. 2 ed. Fortaleza: Edições Instituto Paulo Freire, 2002.

_____. **Psicologia comunitária no Ceará:** uma caminhada. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2003

_____. **Saúde Comunitária: Pensar e fazer.** HUCITEC. São Paulo, Brasil. 2008.

GOMES, Mônica A.; PEREIRA, Maria L. D. **Família em situação de vulnerabilidade social:** uma questão de políticas públicas. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2005, vol.10, n.2, pp. 357-363.

HAGUETTE, Teresa Maria. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1987.

KINGET, Godelieve Marian; ROGERS, Carl. **Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não diretiva.** v. 1. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

LANE, Silvia.M.L. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, S.M.L. & SAWAIA, B.B. **Novas Veredas da Psicologia Social.** São Paulo: Educ, 1994.

LEONTIEV, Alexis N. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizonte Universitário, 1978.

MARTIN-BARÓ, Ignácio. O papel do psicólogo. In: **Boletín de Psicologia UCA.** 3(17), 99-112. Universidade de Costa Rica, 1985.

_____; BLANCO ABARCA, Amalio; CORTE IBÁÑEZ, Luis de la. **Poder, ideología y violencia.** Madrid: Trotta, 2003.

MONTERO, Maritza. **Hacer para transformar:** El método em la psicología comunitaria. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MOREIRA, Ana H. et al. **Mapeamento Psicossocial:** considerações sobre o Grande Bom Jardim, 2007. (Texto não publicado)

MSMCBJ, Site oficial do Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim. Disponível em: < <http://www.msmbj.org.br>>. Acesso em: 30 mai. 2010.

PINHO, Ana Maria M. de. **Pintando janelas em muros:** a arte como método vivencial de facilitação de grupos populares. 2010. 220f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Fortaleza-CE, 2010.

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICHARDSON, Roberto. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

ROGERS, Carl. **Grupos de Encontro.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SAWAIA, Bader.B. **A emoção como locus de produção do conhecimento:** uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In: III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000. Disponível em: <www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1060.doc>. Acesso em: 15 abr. 2010.

SAWAIA, B.B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001.

TORO, Rolando. **Coletânea de Textos de Biodança.** (Org). Cezar Wagner de L. Góis. (1ª Edição: 1982, Fortaleza, Escola Nordestina de Biodança), 2ª Edição, Fortaleza, Editora ALAB, 1991.

VIEIRA, Emanuel M. **Atividade comunitária e conscientização:** uma investigação a partir dos modos de participação social. 2008. 125 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Fortaleza-CE, 2008.

_____; XIMENES, Verônica.M. **Conscientização:** em que interessa este conceito à psicologia. *Psicologia Argumento*, v. 26, p. 23-33, 2008.

VIGOTSKI, Lev. S. **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

VYGOTSKY, Lev. S.; LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento:** o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

XIMENES, Verônica.M., NEPOMUCENO, Bárbara.B & MOREIRA, Ana Ester M.M. Cooperação universitária: uma prática comunitária/libertadora a partir da psicologia comunitária. In: CORDEIRO, A.C.F, VIEIRA, E.M. & XIMENES, V.M (org). **Psicologia e(m) transformação social:** práticas e diálogos. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

ANEXOS

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Sobre a participação no grupo:
 - Como você chegou ao grupo Paz e Amor?
 - Como você se sentia nesse momento?
 - Como decidiu que iria participar toda semana?
 - Você se sente parte do grupo?
 - Como você se sente com as outras participantes?
 - Você acha que aprendeu alguma coisa no grupo?
 - Como se sente realizando as atividades do grupo?
 - Você sente algumas mudanças depois que passou a participar do grupo?

- Sobre a história de vida:
 - Você poderia me contar a história de sua vida?
 - Como você se sentia quando era criança?
 - E na adolescência, como se sentia?
 - Quais eram as pessoas com que você convivia nesse tempo?
 - Como você se sentia em relação a elas?
 - Você costumava demonstrar o que sentia?
 - Quando você sente que se tornou adulta?
 - Atualmente, quem são as pessoas mais importantes na sua vida?
 - Como se sente em relação a elas?
 - Elas sabem do que você sente?
 - Você consegue demonstrar o que sente por elas?

APÊNDICE 2**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (TCLE)
PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Estou realizando uma pesquisa intitulada “Fios de vida e seus laços: compreendendo a relação entre participação e a expressão da afetividade em um grupo comunitário de mulheres”, cujo objetivo principal é compreender a relação entre a expressão da afetividade e a participação em grupo popular. Essa pesquisa poderá ser útil para que você compreenda melhor suas emoções e seus sentimentos.

No caso específico de sua participação, o pesquisador fará uma entrevista, onde serão apresentadas perguntas e você responderá de forma livre. O pesquisador utilizará um roteiro de entrevista e irá gravar informações fornecidas por você. Não haverá identificação do seu nome das gravações. Não haverá, também, retorno financeiro pela sua participação, mas o horário e o local para as entrevistas serão decididos por você, de acordo com sua conveniência.

Com essas informações, gostaria de saber a sua aceitação em participar da pesquisa. É necessário esclarecer que: 1. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade; 2. A identificação de todos os envolvidos será mantida em segredo; 3. Que você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você; 4. Será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa; 5. não haverá riscos ou desconfortos causados pela pesquisa e 6. Somente após devidamente esclarecido (a) e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento que será emitido em duas vias.

Em caso de dúvida, poderá comunicar-se com a pesquisadora Prof^a. Verônica Moraes Ximenes, Departamento de Psicologia, Av. Universidade, 2762, Benfica, CEP: 60020-180, fone: (85)33667729.

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFC encontra-se disponível para reclamações pertinentes à pesquisa pelo telefone (85) 33668338.

Fortaleza, ____ de ____ de ____

Assinatura do sujeito da pesquisa



Digital do sujeito da pesquisa

Prof^a. Dra. Verônica Moraes Ximenes (Pesquisadora)

Assinatura de quem obteve o TCLE

APÊNDICE 3**Transcrição da entrevista**

